



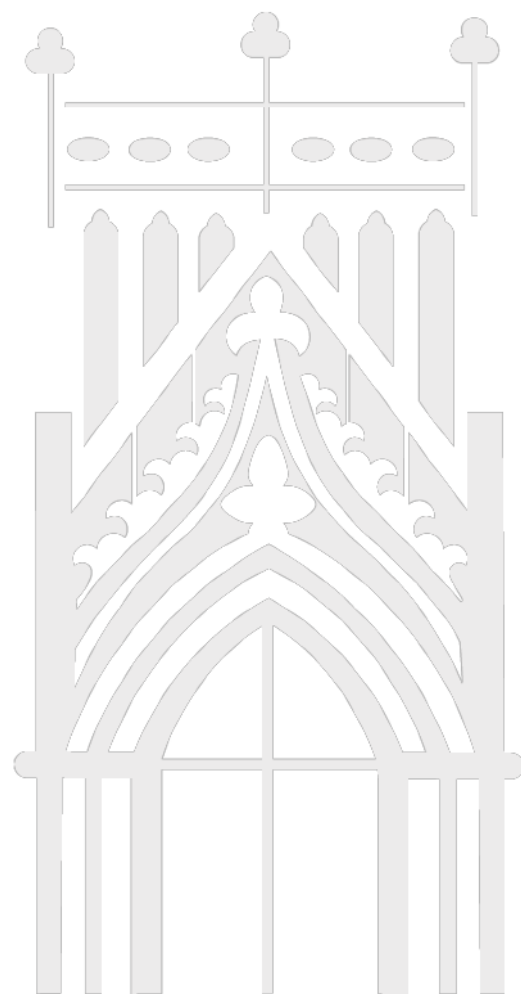
IPG Politécnico
|da|Guarda
Polytechnic
of Guarda

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada

Mariana Ferreira Rodrigues

fevereiro | 2018



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto



Instituto Politécnico da Guarda
Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Mariana Ferreira Rodrigues

fevereiro de 2018



Instituto Politécnico da Guarda
Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

“O meio agente modificador de conhecimentos apreendidos:
Música Tradicional vs. Música Erudita”

Mariana Ferreira Rodrigues

Orientadora: Professora Doutora Maria do Rosário da Silva Santana

fevereiro de 2018

Dedicatória

Dedico este relatório aos meus pais pois sem o apoio e a educação que me foi transmitida não seria capaz de chegar até aqui.

Agradecimentos

Ao concluir mais esta etapa tão importante da minha vida torna-se importante agradecer àqueles que diretamente ou indiretamente estiveram comigo durante esta jornada pela cidade da Guarda.

Ao Instituto Politécnico da Guarda e à Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto por terem-me acolhido durante os últimos cinco anos.

À minha orientadora, Rosário Santana, por toda a paciência, por toda a disponibilidade e motivação que sempre demonstrou para comigo durante estes longos meses de relatório e enquanto professora de Licenciatura e Mestrado.

À Educadora cooperante Celeste Mendonça, à Professora cooperante Margarida Pires, bem como todos os funcionários que do Jardim-de-Infância da Sé quer da Escola Básica Adães Bermudes pelo carinho e compreensão que sempre demonstraram ao longo dos estágios em PES I e II.

O sucesso alcançado durante os dois estágios não seria possível sem as crianças do Jardim-de-Infância da Sé e os alunos do 1º ano da Escola Básica Adães Bermudes, por isso os meus agradecimentos têm de passar por eles pois o carinho e dedicação que demonstraram foi imprescindível para o meu crescimento enquanto futura profissional.

Aos professores e funcionários que acompanharam-me durante estes anos de Licenciatura e de Mestrado pela paciência e por terem dado todas as ferramentas para uma vida profissional eficaz.

Aos meus pais e à minha irmã, por nunca me deixarem desistir, por terem-me apoiado todas as decisões que quis tomar para o meu futuro e por todo o amor incondicional que têm por mim.

Ao meu irmão, parte imprescindível da minha permanência ao longo de cinco anos na cidade da Guarda, pois sem o seu apoio e persistência, certamente, teria desistido da licenciatura e voltado novamente para a Ilha da Madeira.

À minha colega de estágio e amiga, Diana Pavão, que ao longo destes anos tornou-se numa das pessoas mais importantes da minha vida. Companheira em todos os momentos enquanto estudantes deste instituto e parceira em todas as risadas e lágrimas derramadas.

Ao meu querido amigo e colega de futura profissão, Nelson Freitas, que nesta fase final deu-me a sua imprescindível ajuda, pois sem ele não teria sido capaz de terminar tão eficazmente este relatório.

Por fim, mas não menos importante, aos meus amigos de longa data que sempre estiveram presentes quer nos momentos menos bons, confortando com apenas uma chamada, bem como nos momentos de alegria.

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrada no plano de estudos do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda (ESECD), pertencente ao Instituto Politécnico da Guarda (IPG)

Este mestrado implica a frequência da unidade curricular de PES, que se divide em PES I e PES II. A PES I realizou-se na cidade da Guarda, no Jardim-de-Infância da Sé, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos, enquanto o PES II decorreu na Escola Básica Adães Bermudes, com uma turma de 1º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 6 e 7 anos.

A PES proporciona aos futuros educadores/professores as vertentes de observação, prática e reflexão, e, é de grande relevância, pois permite que os alunos entrem em contato com o mundo do trabalho e a realidade do jardim-de-infância, bem como do 1.º CEB.

Pretende também que tenham a oportunidade de vivenciar, numa perspetiva de realização de atividades que promovam uma PES fundamentada, exequível e eficaz. Requer que os alunos, em contexto de jardim-de-infância e 1.º CEB, analisem as práticas pedagógicas implementadas, para que, de forma organizada e orientada, sejam capazes de elaborar planificações e realizar atividades que promovam o desenvolvimento das crianças e que realizem reflexões sobre as práticas efetuadas. Esta prática, também tenciona preparar os alunos para a futura profissão de educadores/professores, fornecendo a estes as competências necessárias para intervirem de forma inclusiva e integradora no apoio a projetos inovadores em contextos educativos formais e não formais.

Este relatório encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro dedica-se ao “Enquadramento Institucional – Organização e Administração Escolar”; O segundo, englobando a experiência de ensino e aprendizagem tanto a nível da Educação Pré-Escolar, como no 1º CEB, procede à “Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada”; por fim, no terceiro e último capítulo, apresenta-se o estudo da investigação realizado através da observação do comportamento dos alunos enquanto escutam diferentes estilos musicais: música tradicional e música erudita, para aferir da sua importância em sala de aula. Sendo generalizado os estudos que defendem o uso da música erudita em contexto educativo, pretendo defender o uso da música tradicional como forma de veicular conhecimento não só musical, mas também linguístico, formal e estético.

Palavras-chave: Música Tradicional; Música Erudita; Prática de Ensino Supervisionada; Pré-Escolar; 1º CEB.

Abstract

This internship report comes within the curricular unit Supervised Teaching Practice (PES), integrated in the plan of the master course in Preschool Education and Teaching of the First Cycle of Basic Education (CBE), the School of Education, Communication and Sport of Guarda (ESECD), belonging to the Polytechnic of Guarda (IPG).

This master's degree entails the frequency of curricular unit of PES, which splits into PES I and PES II. The PES (I) was held in the city of Guarda, in the Sé's Kindergarten, with a group of children aged 3 and 4 years old, while the PES II took place in Adães Bermudes's Elementary School with a class of 1st grade level, between the ages of 6 and 7 years old.

The PES offers to future educators/teachers the strands of observation, practice and reflection, and is of great importance because it allows students to come into contact with the world of work and the reality of the kindergarten, as well as the the 1st CBE.

It also wants them to have the opportunity to experience, in a perspective of carrying out activities that promote a reasoned, feasible and effective PES. Requires that students, in a kindergarten context and 1st CBE, analyse the pedagogical practices implemented, so that, in an organized manner and oriented, be able to develop and carry out planning activities that promote the development of children and to carry out Reflections on the practices carried out. This practice, also intends to prepare students for the future profession of educators/teachers, providing these skills to intervene in a inclusive and integrative way, supporting innovative projects in formal and non-formal educational contexts.

This report is divided into three chapters. The first is dedicated to the "Institutional Framework – Organization and School Administration"; The second, covering the experience of teaching and learning at preschool education, as in the 1st CBE, proceeds to the "Description of the Process Supervised Teaching Practice"; Finally, on the third and last chapter presents the research study conducted by observation of the behaviour of students while they listen to different musical styles: traditional music and erudite music, to assess the importance in the classroom. Being the studies that defend the use of erudite music generalized in the learning context, my goal is defend the use of traditional music as a form of convey knowledge, not just musical, but also linguistic, formal and esthetic.

Key Words: Traditional Music; Erudite Music; Supervised Teaching Practice; Preschool Education; 1st CBE.

Índice de figuras

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DA GUARDA NO MAPA DE PORTUGAL	5
FIGURA 2 – HALL DE ENTRADA	7
FIGURA 3 – SALA DE REUNIÕES E DE ATENDIMENTO AOS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO. 7	
FIGURA 4 – WC INDIVIDUAL PARA ADULTOS	8
FIGURA 5 – BIBLIOTECA	8
FIGURA 6 – SALA COM CABIDES	8
FIGURA 7 – SALA DOS 3 E 4 ANOS COM WC COLETIVO	8
FIGURA 8 – CABIDES.....	9
FIGURA 9 – SALÃO.....	9
FIGURA 10 – COPA.....	9
FIGURA 11 – REFEITÓRIO COM WC	10
FIGURA 12 – SALA DOS 5 E 6 ANOS.....	10
FIGURA 13 – CABIDES DA SALA DOS 5 E 6 ANOS	10
FIGURA 14 – SALA DE ARRUMOS	11
FIGURA 15 – SALA DE INGLÊS	11
FIGURA 16 – PARQUE 1.....	11
FIGURA 17 – JARDIM.....	12
FIGURA 18 – PARQUE 2.....	12
FIGURA 19 – ÁREA DE LEITURA E DA CONVERSA	14
FIGURA 20 – ÁREA DA BIBLIOTECA	15
FIGURA 21 – ÁREA DA ESCRITA E DE EXPRESSÃO PLÁSTICA	15
FIGURA 22 – ÁREA DO COMPUTADOR	16
FIGURA 23 – ÁREA DE CONSTRUÇÕES E JOGOS	16
FIGURA 24 – ÁREA DA GARAGEM	17
FIGURA 25 – ÁREA DA CASINHA DAS BONECAS OU DO FAZ DE CONTA	17
FIGURA 26 – ÁREA DOS JOGOS DE MESA	18
FIGURA 27 – EXEMPLO DOS PLACARDS	18
FIGURA 28 – CASA DE BANHO PARA CRIANÇAS	19
FIGURA 29 – HALL DE ENTRADA E SALA DE ASSISTENTES OPERACIONAIS	19
FIGURA 30 – SALA DE AULAS 1, 2 E 3	20
FIGURA 31 – SALÃO.....	20
FIGURA 32 – SALA DE ARRUMOS	20
FIGURA 33 – CASAS DE BANHO	21

FIGURA 34 – SALA 4	21
FIGURA 35 – BIBLIOTECA	21
FIGURA 36 – SALA DE PROFESSORES	22
FIGURA 37 – ÁREA DE TRABALHO	23
FIGURA 38 – QUADRO	23
FIGURA 39 – PLACARD	23
FIGURA 40 – ARMÁRIO	24
FIGURA 41 – QUADRO INTERATIVO E COMPUTADOR	24

Índice de tabelas

TABELA 1 – SÍNTESE DA CARATERIZAÇÃO DO JARDIM-DE-INFÂNCIA	13
TABELA 2 – SÍNTESE DA CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA BÁSICA ADÃES BERMUDES	22
TABELA 3 – SÍNTESE DA PRIMEIRA SESSÃO	69
TABELA 4 – SÍNTESE DA SEGUNDA SESSÃO	70
TABELA 5 – SÍNTESE DA TERCEIRA SESSÃO.....	71
TABELA 6 – SÍNTESE DA QUARTA SESSÃO	72
TABELA 7 – SÍNTESE DA QUINTA SESSÃO	73
TABELA 8 – SÍNTESE DA SEXTA SESSÃO	74
TABELA 9 – SÍNTESE DA SÉTIMA SESSÃO	75
TABELA 10 – SÍNTESE DA OITAVA SESSÃO	76
TABELA 11 – SÍNTESE DA NONA SESSÃO	77
TABELA 12 – SÍNTESE DA DÉCIMA SESSÃO.....	78

Índice de gráficos

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS SEGUNDO O GÊNERO.....	25
GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS SEGUNDO A IDADE.....	26
GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS SEGUNDO O NÚMERO DE IRMÃOS	27
GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS SEGUNDO O GÊNERO	31
GRÁFICO 5 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS SEGUNDO A IDADE	32
GRÁFICO 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS SEGUNDO O NÚMERO DE IRMÃOS	32

Índice geral

AGRADECIMENTOS	VII
RESUMO	IX
ABSTRACT	XI
ÍNDICE DE FIGURAS	XIII
ÍNDICE DE TABELAS	XV
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XVI
ÍNDICE GERAL	XVII
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS	XXI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL	3
1. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL	5
1.1. ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR	5
1.1.1. <i>Caraterização do Meio</i>	5
1.1.1.1. Caraterização climática	6
1.1.1.2. Oferta cultural/educativa	6
1.2. CARACTERIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES E RECURSOS DAS INSTITUIÇÕES	7
1.2.1. <i>Jardim-de-Infância da Sé</i>	7
1.2.1.1. Caraterização da sala de atividades	13
1.2.2. <i>Escola Básica Adães Bermudes</i>	19
1.2.2.1. Caraterização da sala de aula	22
1.3. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA E PSICOPEDAGÓGICA DAS CRIANÇAS/ALUNOS	24
1.3.1. <i>Jardim de Infância da Sé</i>	24
1.3.1.1. Caraterísticas do comportamento das crianças na sala de atividades	28
1.3.1.2. Caraterização do desenvolvimento das crianças	28
1.3.1.3. Considerações finais em relação ao grupo	30
1.3.2. <i>Escola Básica Adães Bermudes</i>	30
1.3.2.1. Caraterísticas do comportamento dos alunos na sala de atividades	33
1.3.2.2. Caraterização do desenvolvimento dos alunos.....	33

1.3.2.3. Considerações finais em relação ao grupo	34
CAPÍTULO II - DESCRIÇÃO DO PROCESSO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	35
2. A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	37
2.1. CONTEXTO LEGAL DA PES	37
2.2. EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	37
2.2.1. <i>Experiências de Ensino e Aprendizagem desenvolvidas na Educação Pré-escolar.</i> 37	
2.2.1.1. Área de Expressão e Comunicação	40
2.2.1.1.1. Domínio da Expressão Físico-Motora	40
2.2.1.1.2. Domínio da Expressão Plástica.....	40
2.2.1.1.3. Domínio da Expressão Dramática	41
2.2.1.1.4. Domínio da Expressão Musical	41
2.2.1.1.5. Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	42
2.2.1.1.6. Domínio da Matemática.....	42
2.2.1.2. Área da Formação Pessoal e Social.....	43
2.2.1.3. Área do Conhecimento do Mundo	43
2.2.1.4. Reflexão Final da PES no Jardim-de-Infância	44
2.2.2. <i>Experiências de Ensino e Aprendizagem desenvolvidas no 1º CEB.</i>	45
2.2.2.1. Expressões.....	46
2.2.2.1.1. Expressão Físico-Motora	46
2.2.2.1.2. Expressão Plástica.....	46
2.2.2.1.3. Expressão Dramática	47
2.2.2.1.4. Expressão Musical	47
2.2.2.2. Português.....	48
2.2.2.3. Matemática.....	48
2.2.2.4. Estudo do Meio	49
2.2.2.5. Reflexão Final da PES no 1º CEB.....	49
CAPÍTULO III - O MEIO AGENTE MODIFICADOR DE CONCEITOS APREENDIDOS: MÚSICA ERUDITA VS. MÚSICA TRADICIONAL.....	51
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	53

3.1. MÚSICA ERUDITA.....	53
3.2. MÚSICA TRADICIONAL.....	54
3.3. MÚSICA ERUDITA E MÚSICA TRADICIONAL: VANTAGENS E DESVANTAGENS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	57
3.3.1. <i>Música Erudita</i>	57
3.3.1.1. Vantagens.....	57
3.3.1.2. Desvantagens.....	59
3.3.2. <i>Música Tradicional</i>	60
3.3.2.1. Vantagens.....	60
3.3.2.2. Desvantagens.....	63
3.4. MÚSICA TRADICIONAL VS. MÚSICA ERUDITA	64
4. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS	66
5. DESCRIÇÃO DO ESTUDO.....	68
6. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	68
7. CONCLUSÕES DO ESTUDO	79
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
LEGISLAÇÃO CONSULTADA.....	84
WEBGRAFIA	85
ANEXOS.....	89

Lista de abreviaturas, siglas

AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família

BMEL – Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CERCIG – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inaptados da Guarda

DN – Diário de Notícias

ECTS – European Credit Transfer System

ESECD – Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

QI – Quociente de Inteligência

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Práticas de Ensino Supervisionada

SNCA – Alfa-sinucleína

TMG – Teatro Municipal da Guarda

UNESCO – United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization

Introdução

O presente relatório de estágio surge no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrada no plano de estudos do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda (ESECD), pertencente ao Instituto Politécnico da Guarda (IPG)

Este mestrado implica a frequência da unidade curricular de PES, que se divide em PES I e PES II. A PES I realizou-se em Pré-Escolar, no Jardim-de-Infância da Sé, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos. Enquanto a PES II decorreu na Escola Básica Adães Bermudes, no 1º CEB, numa turma de 1º ano, com idades compreendidas entre os 6 e 7 anos.

A PES proporciona aos futuros educadores/professores as vertentes de observação, prática e reflexão, e, é de grande relevância, pois permite que os alunos entrem em contato com o mundo do trabalho e a realidade do jardim-de-infância, bem como do 1.º CEB.

Pretende também que tenham a oportunidade de vivenciar, numa perspetiva de realização de atividades que promovam uma PES fundamentada, exequível e eficaz. Requer que os alunos, em contexto de jardim-de-infância e 1.º CEB, analisem as práticas pedagógicas implementadas, para que, de forma organizada e orientada, sejam capazes de elaborar planificações e realizar atividades que promovam o desenvolvimento das crianças e que realizem reflexões sobre as práticas efetuadas. Esta prática, também tenciona preparar os alunos para a futura profissão de educadores/professores, fornecendo a estes as competências necessárias para intervirem de forma inclusiva e integradora no apoio a projetos inovadores em contextos educativos formais e não formais.

O presente relatório, no que concerne à sua organização, encontra-se dividido em 3 capítulos. O *Capítulo I* constitui a parte do “*Enquadramento Institucional*”, onde constam a caracterização do meio, da escola, assim como a caracterização socioeconómica e pedagógica do grupo de alunos em estudo.

No *Capítulo II*, é apresentada toda a “*Descrição do Processo da PES*” em Pré-Escolar e 1º CEB. Desta forma, comecei por definir o contexto legal da PES, fazendo referência como esta é estruturada e aplicada dentro deste curso de mestrado. Neste ponto ainda será englobada a experiência de ensino e aprendizagem tanto a nível da Educação Pré-Escolar, como no 1º CEB, explicitando os processos de observação, planificação, intervenção e avaliação da ação educativa nas diferentes áreas curriculares, assim como as reflexões finais da prática, em cada nível de ensino.

Para finalizar, no *Capítulo III*, é descrita a parte conceptual do estudo “*O Meio Agente Modificador de Conceitos Apreendidos: Música Tradicional vs. Música Erudita*”, culminando no ponto-chave deste estudo, que no seu conjunto, constituem o suporte bibliográfico para a parte prática. Serão exploradas as concepções de música erudita e de música tradicional, análise das vantagens e desvantagens destes tipos de música no sistema de aprendizagem. Seguindo-se a demonstração do estudo, mais concretamente, a técnica de recolha de dados, a descrição do estudo, apresentação dos resultados, culminando com as suas conclusões.

Capítulo I

Enquadramento Institucional

1. Enquadramento Institucional

1.1. Organização e Administração Escolar

1.1.1. Caracterização do Meio

Uma vez que as PES que dão origem a este documento, foram realizadas no centro da cidade da Guarda, achei crucial abordar a caracterização desta cidade. Desta forma, e de acordo com o Município da Guarda (s/d), esta é considerada a cidade mais alta de Portugal Continental, por situar-se a 1056 metros acima do nível médio das águas do mar, localizando-se na Região Centro e na Beira Interior Norte. O concelho da Guarda abrange uma área de 712,11 km², incluindo, atualmente, quarenta e três freguesias e catorze municípios. O distrito, como é possível verificar na *Figura 1*, faz parte da província da Beira Alta e é limitado a norte pelo distrito de Bragança, a sul pelo distrito de Castelo Branco, a oeste pelos distritos de Viseu e Coimbra e a este por Espanha.

A cidade da Guarda teve o seu primeiro Foral a 27 de novembro de 1199, concedido por D. Sancho I, o Rei Povoador e diz a história que este, 2º Rei de Portugal e filho de D. Afonso Henriques, concedeu este Foral à Guarda com o intuito de promover o seu desenvolvimento e prosperidade. Esta cidade é herdeira de um património cultural rico e único, encerrando nas suas muralhas mais de 800 anos de História e consegue ter um dos mais belos e mais bem conservados patrimónios construídos de todo o país. No ponto mais alto da cidade existe a Torre de Menagem, símbolo máximo de toda a estrutura defensiva e sinal da coragem destas gentes que, ao longo dos séculos, defenderam a fronteira lusa. A Sé Catedral, verdadeiro ícone da cidade, tem atributos arquitetónicos e estéticos que a impõem como um dos monumentos maiores de toda a história da arquitetura portuguesa.

É também considerada a cidade dos cinco F's: Forte (devido à dureza do granito e ao grandioso sistema defensivo, que ainda hoje se preserva); Formosa (por possuir monumentos, praças, ruas e vielas, solares, parques, jardins e paisagens); Fria (devido à sua proximidade da Serra da Estrela); Farta (pela riqueza do vale do Mondego); e, Fiel (que advém da História e das características genuínas das suas gentes integras, honestas e hospitaleiras).



Figura 1 – Localização da cidade da Guarda no mapa de Portugal

Fonte:

http://www.pandaempresas.net/portugal/Guarda_distrito_mapa.png

O ar desta cidade é também reconhecido pela sua sanidade e pureza, sendo distinguido pela Federação Europeia de Bio Climatismo em 2002, o título de primeira “Cidade Bioclimática Ibérica”.

1.1.1.1. Caraterização climática

No que diz respeito às caraterísticas climáticas da cidade da Guarda, posso referir que estas estão relacionadas com o seu posicionamento geográfico, o clima é temperado, com verões quentes e curtos e invernos longos e frios. A precipitação não é elevada, sendo que o verão é seco. Consequentemente, este tipo de clima fez da Guarda um dos melhores lugares para o tratamento de doentes com tuberculose, o que fez com que aqui fosse implementado um Sanatório. Esta é considerada a cidade mais fria de Portugal, pois regista temperaturas inferiores a 10°C frequentemente, havendo, desta forma, precipitações de neve. A temperatura média anual é de 11,1°C e a pluviosidade média anual é de 914,2 mm.

1.1.1.2. Oferta cultural/educativa

O Município da Guarda (2014) tem vindo a promover e a dinamizar políticas de igualdade e de cidadania inclusiva. A educação assume um papel fulcral no desenvolvimento do concelho, apostando na divulgação de projetos integrados.

Segundo a mesma fonte, a cidade da Guarda dispõe de uma rede educativa que é constituída pelo Agrupamento de Escolas da Sé e do Agrupamento de Escolas Afonso Albuquerque e uma vertente particular com a Escola Regional D. José Dinis da Fonseca e a Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inaptados da Guarda (CERCIG). Ao nível do ensino secundário, existem disponíveis escolas públicas, tais como: a Escola Secundária da Sé, com 3º CEB, e a Escola Secundária Afonso de Albuquerque. De caráter privado, existe a Ensiguarda, o Instituto de São Miguel, o Colégio da Cerdeira e o Conservatório de Música de São José da Guarda. No que diz respeito ao ensino superior, temos o IPG. No total, a cidade da Guarda tem disponíveis vinte escolas dos vários ciclos de ensino. No que concerne à oferta de natureza cultural, a cidade da Guarda oferece as seguintes infraestruturas:

- Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço (BMEL);
- Museu da Guarda;
- Grupo de Teatro Aquilo;
- Teatro Municipal da Guarda (TMG);
- Pavilhão Desportivo de São Miguel;
- Estádio Municipal;
- Piscinas Municipais.

Estas infraestruturas / serviços estão disponíveis para receber as crianças / alunos de todas as escolas, públicas ou privadas, da Guarda, promovendo uma interligação entre as instituições educativas e os serviços culturais que esta cidade oferece.

1.2. Caracterização das Instalações e Recursos das Instituições

1.2.1. Jardim-de-Infância da Sé

Como preconizam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (1997), *os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender* (p.37).

O Jardim-de-Infância da Sé é constituído por quatro semipisos, em zig-zag. Todas as divisões estão equipadas com aquecimento central, devido às baixas temperaturas que se fazem sentir nos meses de inverno. Este é um jardim-de-infância que possui muita luz natural, devido ao elevado número de janelas existentes, o que possibilita um bom arejamento.

1º Piso

No primeiro piso encontram-se diferentes espaços destinados ao acolhimento das crianças logo de manhã e ao atendimento aos pais conforme referimos em seguida:

- **Hall de entrada** (Fig.2)

É neste espaço que os pais deixam as crianças de manhã e é também aqui que os mesmos recebem as informações acerca dos filhos.



Figura 2 – Hall de entrada
Fonte: Própria

- **Sala de reuniões e de atendimento aos pais/encarregados de educação** (Fig.3)

É nesta área que os pais/encarregados de educação são recebidos para pequenas reuniões e sessões de esclarecimentos acerca dos filhos. É aqui também que as educadoras se reúnem e deixam os seus pertences.



Figura 3 – Sala de reuniões e de atendimento aos pais/encarregados de educação
Fonte: Própria

- **WC individual para adultos (Fig.4)**

É aqui que as educadoras e assistentes técnicas e operacionais guardam os seus bibes e fazem toda a sua higiene pessoal.



Figura 4 – WC individual para adultos
Fonte: Própria

- **Biblioteca (Fig.5)**

É onde existem diversos livros, jogos didáticos e materiais escolares. A existência de uma biblioteca é essencial para que as crianças possam observar livros e desenvolver o gosto pela leitura.



Figura 5 – Biblioteca
Fonte: Própria

- **Sala com cabides (Fig.6)**

É neste espaço que são colocadas as mudas de roupa das crianças de 3 e 4 anos e os seus brinquedos no início do dia.



Figura 6 – Sala com cabides
Fonte: Própria

- **Sala dos 3 e 4 anos com WC coletivo (Fig.7)**

É nesta sala que as crianças de 3 e 4 anos passam a maior parte do dia e onde realizam as atividades propostas pela educadora.



Figura 7 – Sala dos 3 e 4 anos com WC coletivo
Fonte: Própria

2º Piso

Neste piso encontram-se os espaços que são comuns a todas as crianças e/ou pessoal pedagógico, entre os quais:

- **Cabides** (Fig.8)

É a área onde todas as crianças colocam os seus casacos e lancheiras/mochilas e, no fim do dia, colocam os bibes.



Figura 8 – Cabides
Fonte: Própria

- **Salão** (Fig.9)

Destina-se à prática de atividades socioeducativas, de expressão motora e onde são realizadas as atividades de caráter cultural e recreativo abertas à comunidade. É aqui também onde ocorrem grande parte das atividades incluídas na componente social e apoio à família. É igualmente o local onde as crianças podem assistir a eventos em que se verifique a presença mais alargada de crianças e de adultos (ex.: convívio de final de ano). Este espaço serve identicamente de apoio às Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF), no acompanhamento das crianças, quando chegam de manhã, no período do almoço e no prolongamento de horário. Por fim, este espaço também destina-se ao desenvolvimento das atividades lúdicas nos períodos de interrupção letiva.



Figura 9 – Salão
Fonte: Própria

- **Copa** (Fig. 10)

É o espaço onde os adultos tomam o café da manhã e onde é lavada a loiça das crianças.



Figura 10 – Copa
Fonte: Própria

- **Refeitório com WC coletivo (Fig. 11)**

É a área onde as crianças lancham, almoçam e fazem a higiene pessoal após cada refeição.



Figura 11 – Refeitório com WC
Fonte: Própria

3º Piso

Este terceiro piso é destinado a uma sala de atividades, e respectivos cabides, e a uma sala de arrumos, como podemos verificar de seguida:

- **Sala dos 5 e 6 anos com WC coletivo (Fig. 12)**

É neste espaço que as crianças de 5 e 6 anos passam a maior parte do dia e que realizam as atividades propostas pela educadora.



Figura 12 – Sala dos 5 e 6 anos
Fonte: Própria

- **Cabides (Fig. 13)**

Onde são colocadas as mudas de roupas das crianças de 5 e 6 anos.



Figura 13 – Cabides da sala dos 5 e 6 anos
Fonte: Própria

- **Sala de arrumos** (Fig. 14)

É a sala onde são guardados materiais e trabalhos antigos do Jardim de Infância.



Figura 14 – Sala de arrumos
Fonte: Própria

4º Piso

Neste piso somente existe uma sala destinada às aulas de inglês e ao wc de apoio.

- **Sala de inglês com WC coletivo** (Fig. 15)

Nesta sala são lecionadas as aulas de inglês quer às crianças da sala dos 3 e 4 anos, quer às da sala dos 5 e 6 anos.



Figura 15 – Sala de inglês
Fonte: Própria

Exterior

Na parte exterior do edifício encontramos alguns espaços destinados a atividades lúdicas e jogos infantis, entre eles:

- **Parque 1** (Fig. 16)

O parque 1 é destinado a atividades de caráter livre, onde as crianças podem escolher aquilo que querem brincar.



Figura 16 – Parque 1
Fonte: Própria

- **Jardim** (Fig. 17)

Neste espaço são realizadas atividades relacionadas com jardinagem, tal como a plantação de sementes, etc. Aqui também é colocada, no verão, uma pequena piscina para que as crianças possam refrescar-se nos momentos de maior calor.



Figura 17 – Jardim
Fonte: Própria

- **Parque 2** (Fig.18)

O parque 2 tem o mesmo objetivo que o parque anterior mas este é destinado às crianças de 5 e 6 anos por ter infraestruturas que permitem uma maior habilidade na sua utilização.



Figura 18 – Parque 2
Fonte: Própria

Os espaços exteriores são vedados por um muro com grades, com o intuito de garantir a segurança das crianças. É um espaço amplo e plano, permitindo uma maior liberdade para as crianças brincarem livremente e sem perigo. Estes espaços estão organizados com diversas infraestruturas que potencializam uma diferenciada variedade de atividades, onde estão fixas algumas estruturas e equipamentos de recreio.

Tal como defendem as OCEPE (1997) *o espaço exterior sendo um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao “ar livre”, permite uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades* (p.39).

De seguida apresentamos uma tabela onde se resumem os elementos que compõem o jardim-de-infância.

Tabela 1 – Síntese da caracterização do jardim-de-infância

Salas de Atividades	Wc Individuais	Wc Coletivos	Biblioteca	Salão
3	1	4	1	1
Refeitório	Copa	Parques Exteriores	Sala de Arrumos	Sala de Educadores e Apoio à Família
1	1	2	1	1

Fonte: Própria

Da leitura da tabela inferimos que o Jardim-de-Infância da Sé apresenta excelentes condições de funcionamento, favoráveis ao bom exercício desta instituição. Todos os espaços disponíveis possuem os materiais e equipamentos apropriados às necessidades das crianças e ao pessoal pedagógico. As salas são espaçosas, com boa iluminação e aquecimento central, apetrechadas de material pedagógico/didático, com espaços adequados a cada atividade, com mobiliário apropriado e computadores, proporcionando um ambiente acolhedor e propício ao bom desenvolvimento do processo educativo.

1.2.1.1. Caracterização da sala de atividades

Sala de atividades

No jardim-de-infância, a sala de atividades é o espaço mais importante para as crianças. É nesta que as crianças passam a maior parte do dia e onde ocorrem as aprendizagens. Assim sendo, torna-se essencial a existência da divisão dos espaços dentro da sala de atividades, para que as crianças interiorizem essa divisão, de forma a sentirem-se à vontade, a terem espaço para movimentarem-se, e a aprenderem com as suas ações, a construir, escolher, criar, experimentar, fantasiar e trabalhar individualmente e/ou em pequeno/grande grupo.

O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo (OCEPE, 1997:38).

A sala está estruturada num “*open space*”, um espaço amplo, sem barreiras, que permite fazer uma supervisão de todas as crianças, com idades variadas. A forma como os materiais estão dispostos na sala de atividades deve permitir às crianças a sua visualização total, para que estas possam escolher a área de preferência quando lhes é permitido. Os materiais devem estar organizados de forma lógica e claramente rotulados, para que as crianças sejam capazes, de forma independente, de os localizar e utilizar sempre que necessário. É na sala de atividades que as

crianças têm a possibilidade de interiorizar normas e regras e têm acesso a momentos de socialização, através da partilha de materiais e de diálogos em grupo. A sala de atividades onde realizei a PES I foi a de 3 e 4 anos de idade. Esta sala encontra-se dividida em diversas áreas que são utilizadas para desenvolver atividades livres e de trabalho pelas crianças.

A organização e a utilização do espaço são expressão das intensões educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (OCEPE, 1997:37).

Quando é dada a oportunidade das crianças brincarem, cada uma das áreas tem um número máximo de crianças. Para que seja controlado esse limite são utilizadas medalhas, que as crianças colocam ao pescoço, de forma a tornar mais fácil o controlo do número de crianças a frequentar em cada área.

É essencial que o educador motive as crianças a brincarem em todas as áreas, e não apenas nas que demonstram maior interesse, para que estas explorem as potencialidades de cada uma, pois cada área tem características essenciais para o bom desenvolvimento de cada uma das crianças.

Esta sala de atividades encontra-se dividida em áreas distintas, tais como:

- **Área de Leitura e da Conversa (Fig.19)**

Este é um dos espaços mais utilizados pelas crianças, pois é neste que são marcadas as presenças, contadas histórias, realizados diálogos em grupo, realizadas as aulas de música, delineadas as atividades a serem feitas ao longo do dia. Neste espaço, as crianças sentam-se em roda pela ordem menino, menina, para que se evitem conversas paralelas entre crianças do mesmo sexo e que tenham maior afinidade.

Gomes (2014) salienta que a área do cantinho da leitura é o local onde diariamente se faz o acolhimento, mas é também um espaço polivalente, isto é, frequentemente utilizado para variadas atividades, tais como: histórias, canções, exploração de instrumentos musicais, jogos de expressão corporal e outros de carácter lúdico pedagógico. Este espaço é delimitado por uma manta ou tapete, onde se podem colocar várias almofadas. É aqui que normalmente existe o quadro de presenças diário e o quadro do tempo.



Figura 19 – Área de Leitura e da Conversa

Fonte: Própria

▪ **Área da Biblioteca (Fig.20)**

A área da biblioteca, integrada na área da leitura, contém diversos livros que permitem o contacto com a pré-leitura e a pré-escrita, estimulando a imaginação, a criatividade e o gosto pelos livros. Esta área contém ainda um baú com fantoches que são utilizados como meio de expressão e recriação por parte das crianças.

Gomes (2014) defende que esta área deverá situar-se numa zona calma, silenciosa e com luz natural, para que as crianças possam disfrutar dos materiais de leitura existentes, tais como, livros de vários tamanhos e temas.



Figura 20 – Área da Biblioteca
Fonte: Própria

▪ **Área da Escrita e de Expressão Plástica (Fig.21)**

A área de expressão plástica destina-se à elaboração de trabalhos manuais nas mesas de trabalho. Neste espaço existe uma estante com folhas A4/A3, lápis de cor, canetas de feltro, tesouras, lápis de cera, cola, entre outros, os materiais necessários para a elaboração de trabalhos de expressão plástica, que possam promover a criatividade e imaginação das crianças, tal como refere Gomes (2014), é uma área constituída por mesas e cadeiras destinadas à realização dos trabalhos e de móveis de apoio para guardar os materiais.



Figura 21 – Área da Escrita e de Expressão Plástica
Fonte: Própria

As mesas de trabalho estão identificadas com os nomes de cada criança, para que estas reconheçam o seu nome, associando-o ao lugar onde devem-se sentar. Este tipo de estratégia permite uma melhor organização quer da sala quer das crianças, pois, na hora de trabalho, estas ao reconhecerem o seu lugar, não criam momentos de desordem que disturbem o início das atividades, aproveitando ao máximo as atividades propostas.

Coutinho (2007) salienta que, nesta área, a criança testa vários materiais e suportes, realiza artefactos com materiais reutilizáveis, efetua colagens, pinturas, desenhos usando variadas técnicas, manipula plasticinas e barro, manuseia tesouras, picos, colas, experimenta e treina noções de espaço relativos ao suporte usado.

▪ **Área do Computador** (Fig.22)

A área do computador é uma área que permite às crianças o contacto com as novas tecnologias, através de jogos didáticos de associação, construção de puzzles, jogos de sequências, entre outros, desenvolvendo assim o raciocínio, a memória e a desenvoltura manual pelo manuseamento e partilha do rato.

Nesta área só é permitida a permanência de duas crianças, para que não exista grande confusão e para que hajam momentos de partilha mútua.

Foi notório que esta é uma das áreas menos solicitada. Esta é procurada apenas por duas ou três crianças, enquanto as sobrantes preferem brincar nas restantes áreas, pois existem maiores momentos de socialização e convívio entre amigos.

Cerveira (2002) menciona que, como noutros graus de ensino, o computador pode ser introduzido na educação pré-escolar, como meio auxiliar do processo de ensino e de aprendizagem, sendo mais uma ferramenta, entre tantas outras, ao dispor da criança e do educador.

Na nossa opinião, e apesar de serem importantes no processo educativo, as novas tecnologias da informação e comunicação não devem ser privilegiadas no processo de ensino aprendizagem. De referir que, na infância, o brincar é crucial para a socialização e desenvolvimento interpessoal e, por isso mesmo, as crianças devem brincar nos lugares que lhes permitam conviver, fantasiar, manipular e criar diversos momentos de socialização, permitindo a consciência de valor, de forma direta e indireta.

▪ **Área de Construções e Jogos** (Fig.23)

A área de construções e jogos situa-se num espaço específico da sala de atividades. Por ser um espaço fora do plano da sala faz com que seja apelativo às crianças. Esta é uma área muito requisitada, sendo considerada como algo mítico, idêntico a uma gruta ou esconderijo. Nesta área existem diversos materiais que permitem a realização de construções a três dimensões, tais como, materiais de encaixe, sólidos geométricos e legos de vários tamanhos e formas.

Coutinho (2007) preconiza que na área de construções e jogos a criança experimenta construções a três dimensões, faz atividades de iniciação à matemática que implicam comparações e seriação, sequências, alternâncias, tamanhos, peso, forma e cor, experimenta materiais que



Figura 22 – Área do Computador
Fonte: Própria



Figura 23 – Área de Construções e Jogos
Fonte: Própria

promovem noções de lateralidade e faz atividades de experimentação de noções espaciais tais como *puzzles* e construções.

▪ **Área da Garagem (Fig.24)**

Esta área é delimitada por um tapete para oferecer maior conforto, uma vez que as brincadeiras são realizadas no chão. Contém este espaço vários materiais, entre os quais, animais, carrinhos, uma pista, materiais de construção e bancada de ferramentas.

As crianças recorrem muito a esta área, principalmente devido à existência de um carro grande dos bombeiros (além de outros veículos) e que foram aqui colocados depois da visita ao

Quartel dos Bombeiros. Como esta visita foi uma referência para as crianças, cativando-as imenso para o assunto, estas deliciaram-se com o carro. Fazendo-se passar por bombeiros, imitando os sons característicos das sirenes e desempenharam as distintas funções desta profissão.

Outro fator de interesse nesta área é a existência de animais de todas as espécies (incluindo espécies extintas), o que faz com que as crianças explorem a sua imaginação e criatividade quando tentam imitar e interagir com os outros animais, mesmo quando estas nem sempre conhecem os animais (tais como os dinossauros).

▪ **Área da Casinha das Bonecas/Área do faz de conta (Fig.25)**

Esta área é composta por *duas divisões*: um quarto e uma cozinha. Neste espaço existe uma cama, armários com diversos tipos de roupas, espelho e bijuteria diversificada. Na cozinha podemos encontrar uma mesa com cadeiras, tachos, comida, pratos, lava-loiça, entre outros materiais e objetos que fazem com que as crianças associem este espaço a um ambiente mais familiar.

A área da casinha das bonecas torna-se essencial para o desenvolvimento das crianças, pois permite-lhes brincar ao faz de conta, que segundo as OCEPE (1997), *permitem à criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos* (p.60).

Lares (2010) defende que a criança, no faz de conta, toma papel ativo, procura soluções, combate os seus medos, toma consciência dos outros. Essa atitude, de afirmação de si próprio em relação aos outros, ajuda a desenvolver a capacidade crítica do seu mundo e de tudo o que a rodeia.



Figura 24 – Área da Garagem
Fonte: Própria



Figura 25 – Área da Casinha das Bonecas ou do Faz de Conta
Fonte: Própria

- **Área dos Jogos Didáticos (Fig.26)**

Esta é uma das áreas mais utilizadas. Todos os dias, por volta das 9 horas da manhã, é induzida a calma e estimulado o pensamento lógico. Antes de iniciarem as atividades diárias, as crianças são convidadas a sentarem-se nas mesas de trabalho e a realizar jogos didáticos com os recursos disponíveis. Junto às mesas de trabalho, existem móveis à altura das crianças, que facilitam o alcance dos jogos e permitem também a autonomia da criança, hábitos de arrumação e a sua organização.



Figura 26 – Área dos Jogos de Mesa

Fonte: Própria

De acordo com Franco (2009), existe muita diversidade de jogos nesta área, entre os quais, puzzles, enfiamentos, encaixes, dominós, blocos lógicos, jogos de associação, de sequências, entre outros. Os jogos lúdicos disponíveis permitem trabalhar diversas competências na criança, a nível cognitivo, favorecendo a autoestima e a interação de seus pares, propiciando situações de aprendizagem. Estes podem ser realizados individualmente ou em pequenos grupos, desde que sejam cumpridas as regras de comportamento, permitindo assim situações de socialização e partilha. Os jogos de mesa ajudam a estimular o raciocínio, a concentração, a memória, a atenção das crianças e coadjuvam no desenvolvimento da capacidade e habilidade para certas atividades. Estes são requisitos fundamentais para que uma criança cresça e se torne um adulto responsável, menos disperso, mais atento e também mais inteligente.

- **Placards (Fig. 27)**

Estes *placards* situam-se dentro da sala de atividades e são utilizados para a exposição dos trabalhos realizados pelas crianças. É crucial a exposição dos trabalhos para que a criança os visualize e torne-se responsável pela decoração e ambiente da sala, salientando que é gratificante para as crianças saberem que os seus trabalhos são valorizados e expostos para os demais.

Meyer (2014) menciona que os *placards* são quadros presos à parede. Neles podemos organizar os trabalhos das crianças ou enfeitar de acordo com o projeto desenvolvido. O *placard* é um espaço que deve ser modificado periodicamente.



Figura 27 – Exemplo dos *placards*

Fonte: Própria

- **Casa de banho para crianças (Fig.28)**

As casas de banho, incluídas na sala de atividades, destinadas apenas às crianças, são importantes para a sua higiene pessoal, antes de lancharem e almoçarem. Como destaca Catarina (2013), é crucial salientar que, nesta faixa etária, a criança deve começar a adquirir hábitos de higiene. Cabe ao educador apoiar e mostrar à criança que esta deve ser responsável pela sua higiene, criando desde cedo rotinas e promovendo, gradualmente, a sua autonomia no que diz respeito a cuidados pessoais e gosto pela imagem.



Figura 28 – Casa de banho para crianças

Fonte: Própria

1.2.2. Escola Básica Adães Bermudes

A Escola Básica Adães Bermudes é constituída por dois pisos. Todas as divisões estão equipadas com aquecimento central, devido às baixas temperaturas que se fazem sentir nos meses de inverno.

1º Piso

Neste piso encontram-se o *hall* de entrada, o salão e a casa de banho, espaços destinados a todos os alunos e pessoal pedagógico. Comporta ainda três salas de aulas reservadas a cada um dos níveis de ensino do 1º CEB.

- **Hall de entrada (Fig. 29)**

É neste espaço que os alunos são recebidos todas as manhãs pelas assistentes operacionais e onde são, posteriormente, encaminhados para o salão, espaço este que será referido depois. Esta área serve também, como é possível verificar na figura à direita, que são expostos alguns trabalhos dos alunos da escola e/ou informações de atividades a serem realizadas na escola.



Figura 29 – Hall de Entrada e Sala de Assistentes Operacionais

Fonte: Própria

- **Sala de Assistentes Operacionais (Fig.29)**

É nesta sala que as assistentes operacionais encontram-se durante o dia, nesta sala existem também materiais que sejam necessários nas salas de aulas caso estes se esgotem, por exemplo giz, fita-cola, entre outros.

- **Sala 1, 2 e 3 (Fig. 30)**

São nestas salas de aula que os alunos do 1º, 2º e 3º anos, respetivamente, passam a maior parte do dia, sendo que são nestes espaços que realizam quase todo o processo de aprendizagem.



Figura 30 – Sala de aulas 1, 2 e 3
Fonte: Própria

- **Salão (Fig.31)**

É nesta área que os alunos desenvolvem a disciplina de expressão físico-motora e onde são realizadas as atividades que envolvem todas as turmas. É aqui também que os alunos permanecem desde a sua chegada de manhã até o início das aulas, o mesmo acontece no período de almoço.



Figura 31 – Salão
Fonte: Própria

- **Sala de arrumos (Fig. 32)**

É neste espaço que é arrumado todo o material necessário quer para as aulas de expressão físico-motora, quer para as aulas de expressão plástica. Este lugar é um espaço anexo ao salão.



Figura 32 – Sala de arrumos
Fonte: Própria

- **Casas de banho feminina e masculina (Fig.33)**

É aqui que os alunos fazem a sua higiene pessoal, bem como os professores e assistentes operacionais.



Figura 33 – Casas de banho
Fonte: Próprio

2º Piso

Neste segundo piso existem uma sala de aula, a biblioteca e a sala de professores.

- **Sala 4 (Fig.34)**

É nesta sala que ocorre todo o processo de aprendizagem para os alunos do 4º ano e onde estes passam a maior parte do seu tempo.



Figura 34 – Sala 4
Fonte: Próprio

- **Biblioteca (Fig. 35)**

É neste espaço que estão expostos vários livros, adequados a cada nível de ensino. Aqui, também existe um pequeno número de computadores, para que seja possível aos alunos, a pesquisa de informação para a elaboração de alguns trabalhos propostos pelos professores. Por fim, neste espaço, são recebidos diversos encarregados de educação que vêm com o intuito de apresentar livros aos alunos.



Figura 35 – Biblioteca
Fonte: Próprio

▪ **Sala de professores (Fig.36)**

É neste espaço que os professores se reúnem, sempre que necessário, e onde encontram-se os documentos mais importantes da Escola Básica Adães Bermudes.



Figura 36 – Sala de professores
Fonte: Próprio

De seguida apresentamos uma tabela onde se resumem os elementos que compõem a Escola Básica.

Tabela 2 – Síntese da caracterização da Escola Básica Adães Bermudes

Salas de Aula	Sala de Arrumos	Salão	Biblioteca
4	1	1	1
Sala de Assistentes Operacionais	Wc Comum	Hall de Entrada	Sala de Professores
1	1	1	1

Fonte: Própria

Da observação dos espaços aduzi que, a Escola Básica Adães Bermudes, apresenta condições muito favoráveis ao bom funcionamento desta instituição. Todos os espaços disponíveis possuem os materiais e equipamentos apropriados às necessidades dos alunos, ao pessoal docente e auxiliares de ação educativa.

As salas são espaçosas, com boa iluminação e aquecimento central. Apetrechadas de material didático, mobiliário adequado e computadores, proporcionando um ambiente acolhedor e favorável ao bom desenvolvimento do processo educativo.

1.2.2.1. Caracterização da sala de aula

Sala de aula

No 1º Ciclo, a sala de aula é o espaço mais importante para os alunos, pois é neste que estes passam a maior parte do dia e onde ocorrem as aprendizagens. Assim sendo, para Pereira (2012), é necessário que o professor crie um ambiente tranquilo.

De acordo com Paulo (2011),

é importante fazer a gestão da sala de aula porque o espaço é um dos aspectos mais importantes para desencadear boas aprendizagens. Mudar o espaço geral da sala de acordo com as actividades a realizar é um bom ponto de partida. (...) Criar um ambiente de sala de aula favorável à aprendizagem, partindo sempre de uma cuidada atenção e observação do que se passa ao nosso redor (p.45).

É na sala de aula que os alunos têm a possibilidade de interiorizar normas e regras e têm acesso a momentos de socialização, através de diálogos em grupo. A sala de aula onde realizei a PES II foi a de 1º Ano. Esta encontra-se dividida em diversas áreas, entre as quais:

- **Área de trabalho** (Fig. 37)

Esta área caracteriza-se por ser aquela onde os alunos passam a maior parte do dia e é aqui onde alunos adquirem todo o processo de ensino-aprendizagem.



Figura 37 – Área de trabalho
Fonte: Próprio

- **Quadro** (Fig.38)

O quadro assume um lugar de destaque na sala de aula permitindo que os alunos o visualizem, tornando-se um auxiliar ao processo de ensino-aprendizagem. Paixão (2008) afirma que o quadro é um excelente meio de ensinar os alunos a escrever e a ler em pouco tempo.

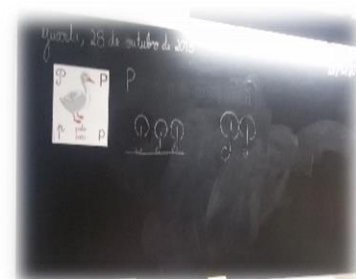


Figura 38 – Quadro
Fonte: Próprio

- **Placards** (Fig. 39)

Estes *placards* situam-se dentro da sala de aula e são utilizados para a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos. É crucial a exposição dos trabalhos, para que o aluno os visualize, tornando-se responsável pela decoração e ambiente da sala, salientando que é gratificante para os alunos saberem que os seus trabalhos são valorizados e expostos para que todos os vejam.

Meyer (2014) menciona que os *placards* são quadros presos à parede onde podemos dispor os trabalhos dos alunos ou colocar os materiais de acordo com o projeto desenvolvido. O *placard* é um espaço que deve ser modificado periodicamente.



Figura 39 – Placard
Fonte: Próprio

- **Armário (Fig.40)**

Neste espaço são colocadas as fichas de trabalho e de avaliação, além de todo o material que é feito pelos alunos. É aqui que se encontram os *dossiers* com toda a informação referente aos alunos.



Figura 40 – Armário
Fonte: Próprio

- **Quadro interativo e computador (Fig. 41)**

É neste espaço que os alunos entram em contacto com as novas tecnologias e partem para a visualização de vídeos e outro tipos de suportes digitais, que lhes permite aceder a outro tipo de materiais pedagógicos que não os ditos tradicionais, nomeadamente o quadro negro e o manual escolar. Este tipo de material torna a escola cada vez mais apta ao mundo e à sociedade com que nos deparamos nos dias de hoje, que é cada vez mais tecnológica.



Figura 41 – Quadro interativo e computador
Fonte: Próprio

1.3. Caracterização Socioeconómica e Psicopedagógica das crianças/alunos

1.3.1. Jardim de Infância da Sé

A minha PES I foi realizada com o grupo de crianças dos 3 e 4 anos de idade, sob a orientação da educadora Celeste Mendonça.

Antes de caracterizar o grupo de crianças gostaria de salientar que é necessário conhece-lo, antes de mais, para que possamos adaptar as situações ao grupo e às especificidades de cada criança, planificando contextos agradáveis a todos, capazes de desenvolver as competências pretendidas pelo educador, contribuindo para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e à educação, contribuindo para o sucesso das aprendizagens, tal como refere as OCEPE (1997),

planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades (p.26).

Assim sendo, cabe ao educador delinear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-as para que cheguem a níveis de realização, capazes de se tornarem ativas e autónomas.

As OCEPE (1997) defendem que é importante existir a comunicação e partilha de opiniões entre o educador e outros adultos que também têm responsabilidades na educação da criança, entre os quais, colegas de profissão, auxiliares de ação educativa e os pais, para que haja o conhecimento do modo como a criança evolui. Se o trabalho de profissionais em equipa constitui um meio de auto - formação, com benefícios para a educação da criança, a troca de opiniões com os pais permite um melhor conhecimento da criança e dos contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade.

As informações referentes ao meu grupo foram recolhidas através de conversas com a educadora e restante pessoal pedagógico e pela minha observação, durante estas catorze semanas.

O meu grupo de trabalho foi constituído por 18 crianças (Gráfico 1), com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos de idade (Gráfico 2).

O gráfico 1 mostra a divisão das crianças do grupo de trabalho segundo o género

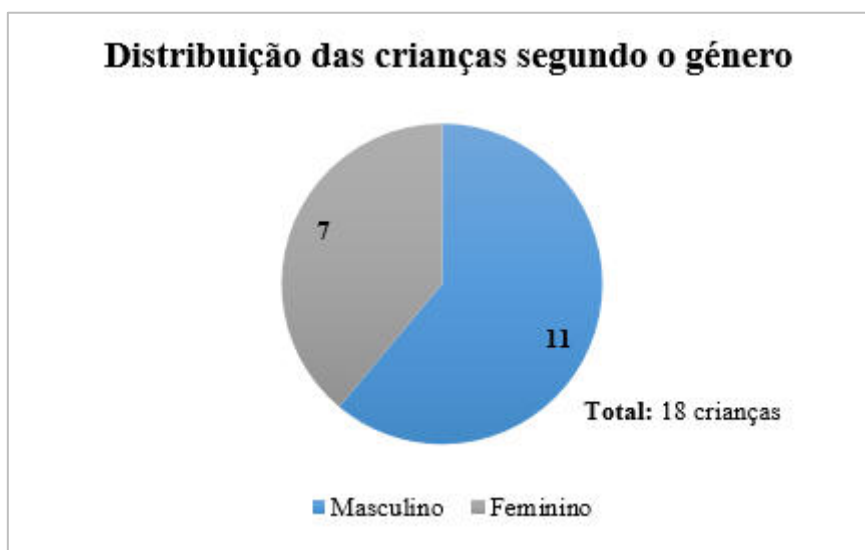


Gráfico 1 – Distribuição das crianças segundo o género
Fonte: Própria

Da análise, posso aferir que existem mais crianças do sexo masculino neste grupo, comportando 11 elementos em oposição aos 7 elementos do sexo feminino. Posso dizer que apesar de o número de elementos de cada género não ser igual, não deixa de ser um grupo equilibrado.

Já o *gráfico 2* apresenta a idade das crianças presentes no grupo de trabalho (**Obs.:** as idades referidas neste gráfico são o registo até dezembro de 2014).

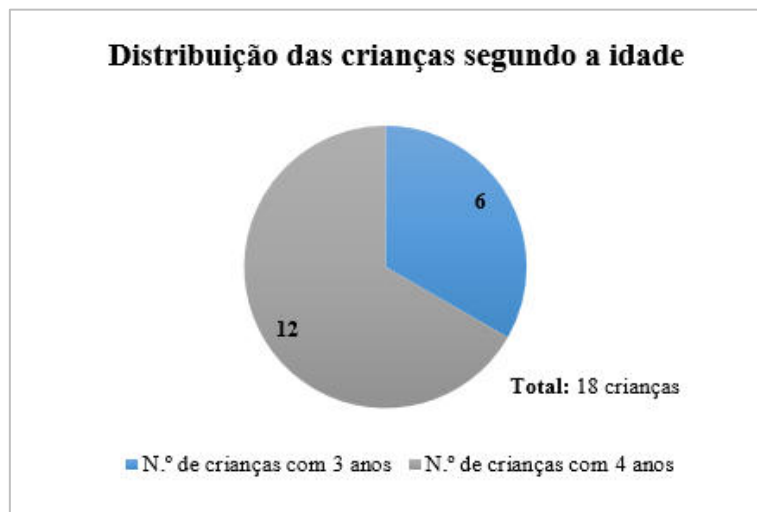


Gráfico 2 – Distribuição das crianças segundo a idade
Fonte: Própria

Existe uma proporção de 2:1 do número de crianças com 4 anos em relação às de 3 anos. Daquilo que pude observar durante o tempo de PES I, não me pareceu ser um ponto negativo, visto que as crianças mais velhas (4 anos) tinham um sentido de proteção em relação às mais novas (3 anos).

Das crianças de quatro anos, três frequentaram o Jardim-de-Infância da Sé pela primeira vez, sendo que duas frequentaram anteriormente o Jardim-de-Infância da Casa da Criança e uma das crianças nunca frequentou nenhuma creche ou jardim-de-infância. Do grupo de crianças dos três anos de idades apenas uma delas não frequentou creche. Todas as crianças entraram para o jardim-de-infância com três anos, exceto uma menina de 4 anos, que apenas entrou no início do ano de 2015.

O gráfico que se segue, *gráfico 3*, representa o número de irmãos das crianças presentes no grupo de trabalho.

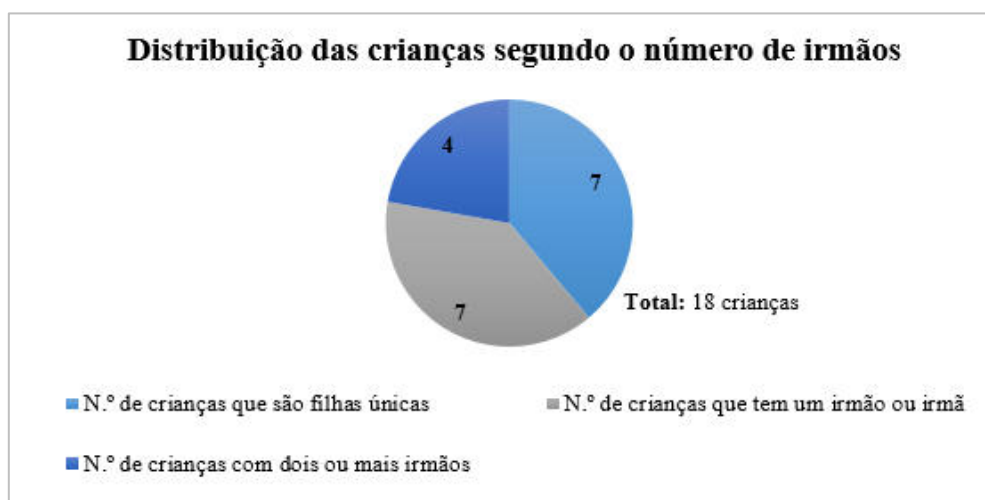


Gráfico 3 – Distribuição das crianças segundo o número de irmãos

Fonte: Própria

Da análise do gráfico anterior, inferimos que existem quatro crianças que pertencem a famílias consideradas numerosas, com dois ou mais irmãos; sete crianças têm mais um irmão e as restantes sete crianças são filhos únicos.

As famílias das crianças pertencem a um nível socioeconómico médio/elevado, onde ambos os progenitores exercem alguma atividade profissional. Por motivos profissionais três pais não estão presentes durante a semana, sendo que um trabalha em Aveiro, outro em Lisboa e outro é camionista de longo curso.

No que diz respeito à caracterização sociológica das famílias¹, é de salientar que os pais realizam atividade profissional, na sua maioria, por conta de outrem. Divididos entre variadas atividades profissionais, temos professores, empregados de café, gerentes bancários, agricultores e funcionários da Câmara Municipal da Guarda.

Analisando as habilitações literárias dos pais, é possível constatar que, em média, as mães possuem um grau académico superior ao dos pais, predominando um nível de formação superior.

Relativamente à idade dos pais constatámos que estas variam entre os vinte e cinco e os quarenta e um anos de idade.

¹ É de salientar que existe um investimento das famílias na educação das crianças e no seu bem-estar, pois procuram incluir as crianças em atividades extracurriculares que o jardim-de-infância promove, tais como natação e passeios/viagens de estudo, que envolvem um pagamento adicional.

1.3.1.1. Características do comportamento das crianças na sala de atividades

O grupo de crianças dos 3 e 4 anos caracteriza-se por ter um comportamento homogéneo. De referir que dentro do grupo existe uma criança, que por ser uma das mais novas e ainda não ter a noção de regras e normas, destabiliza o grupo, perturbando algumas vezes o trabalho de alguns colegas. No entanto, esta situação é prontamente resolvida o que não interfere no bom funcionamento das atividades letivas.

Saliento que, ao longo do tempo, verificou-se uma evolução geral do comportamento de todas as crianças, incluindo a criança anteriormente referida, embora num ritmo diferente. Esta evolução verificou-se, principalmente, na execução de tarefas. Pude observar, por exemplo, que no cantinho da conversa as crianças permaneciam mais calmas, evitando fazer barulho e nas diferentes áreas obedeciam ao limite do número de crianças em cada espaço e na interiorização de valores (respeito, obediência, amizade, entre outros).

Em geral, o grupo apresentou interesse e empenho nas atividades propostas, participando ativamente nas tarefas a serem cumpridas. Foi um grupo sociável e respeitador, mostrando prazer e interesse em comunicar e participar nas ações que lhes eram propostas. Apesar de algumas das crianças terem somente 3 anos, verifiquei que possuem um elevado grau de desenvolvimento na área da expressão e comunicação.

Observei que algumas das crianças tinham dificuldade em permanecer quietas no comboio e de esperar pela sua vez, o que levava, muitas vezes, à intervenção do educador.

Finalizo, referindo que é importante que o educador promova nestas crianças a permanência da motivação e interesse por ser a primeira fase da sua aprendizagem e por estas serem recetoras de todos os estímulos que o educador oferece, pois tudo o que aprenderem irão mais tarde aplicar.

1.3.1.2. Caracterização do desenvolvimento das crianças

Posso verificar que para as idades deste grupo, as crianças apresentam um desenvolvimento normal e equilibrado. O facto deste ano o grupo de crianças ter aumentado, em relação ao ano letivo anterior, não alterou a boa convivência que se fazia sentir, não houve qualquer tipo de constrangimento na relação entre todas as crianças, verificando-se que as crianças do ano letivo anterior tornaram-se mais autónomas, responsáveis e tolerantes em relação às crianças que frequentaram a sala pela primeira vez, compreendendo que estas precisavam de mais “atenção” por parte dos adultos, para que se pudessem adaptar à comunidade educativa.

É essencial caracterizar o nível de desenvolvimento das crianças, uma vez que cada grupo de crianças apresenta um determinado conjunto de características, segundo a fase em que se encontram.

As crianças de três e quatro anos encontram-se, segundo Piaget (s/d) cit. em Tavares (2007), no Estádio Pré-Operatório ou de Pensamento Intuitivo, em que a criança possui um pensamento mágico, imaginativo e metafórico, expressando-se através das brincadeiras do faz de conta. Nesta fase é também notório o egocentrismo intelectual, isto é, o mundo foi criado para si, acompanhado pela incapacidade de compreender as relações entre as coisas. O pensamento intuitivo que lhes é característico permite a resolução de alguns problemas e a realização de algumas aprendizagens.

Vigostky (s/d) cit. em Tavares (2007) salienta que nesta fase o desenvolvimento da linguagem evolui de forma lenta, tornando-se um fator primordial na cognição da criança. Apresenta também uma evolução na compreensão das formas gramaticais mais básicas.

Freud (1938) cit. em Tavares (2007) preconiza que é nesta fase que as crianças vão vivenciar o chamado Complexo de Édipo, onde os meninos sentem uma forte atração pela mãe, que é sentida nesta fase de modo diferente, pois a sexualidade passa a ser investida na figura materna, acontecendo o mesmo com as meninas em relação ao pai, denominando-se de Complexo de Electra.

Tavares (2007) menciona que as crianças crescem e desenvolvem-se num contexto familiar e social específico. O controlo exercido pelos pais e restantes agentes educativos afetam o desenvolvimento psicossocial das crianças.

As atividades que promovi em conjunto com a educadora, para facilitar esse desenvolvimento, foram baseadas numa “pesquisa” realizada sobre as “5 competências que deve desenvolver com o seu filho de 4 anos” (s/d):

- **Motricidade fina** - É a capacidade de executar movimentos precisos das mãos e dedos com controlo e destreza. É uma das competências chave a ser desenvolvida desde tenra idade, pois o seu desenvolvimento possibilita bons resultados no progresso da aquisição da escrita. O cérebro da criança pode perceber o conceito de escrita, mas se a motricidade fina não estiver suficientemente desenvolvida terá muita dificuldade em desenhar as letras;
- **Escuta ativa** - Uma das coisas mais difíceis que as crianças precisam de aprender é como escutar ativamente, ou seja, saber estar a ouvir. Devido ao avanço da tecnologia, hoje em dia as crianças são muito impacientes, pois estão habituadas a ter respostas de acesso fácil e rápido às questões que lhes aparecem. Por isso, quando estão sentadas numa sala a “ter que” ouvir um professor a falar, não é fácil para elas. Há uma grande probabilidade que se desconcentrem antes de ouvir o fim à primeira frase e entrem no mundo da lua. Assim é necessário desenvolver os conceitos básicos para saber ouvir, nomeadamente o fazer contato com os olhos, o não interromper e o usar perguntas para esclarecer informações;

- **Criatividade** - Ser criativo não é só ser artista e fazer obras de arte. A criatividade tem a ver com a capacidade de conseguir interligar, saber relacionar conceitos e gerar ideias novas e exprimir-se de uma forma original. É, essencialmente, dar asas à imaginação e conseguir pensar fora da caixa. Estimular a criatividade nas crianças, é dar-lhes uma ferramenta valiosa para a vida;
- **Concentração** - O excesso de estímulos a que as crianças estão sujeitas diariamente resultam numa fraca concentração para tudo o que requer mais de cinco minutos parados a realizar uma tarefa. No entanto, desenvolver esta competência com conta, peso e medida é, não só uma mais-valia a nível escolar, como a nível pessoal. Uma criança concentrada é mais calma, mais bem estruturada e capaz de aprender de forma fluída e sem grande esforço;
- **Organização** - As crianças gostam de saber o que vai acontecer a seguir. A organização e as rotinas são um elemento fulcral para o bem-estar de uma criança. A organização do seu espaço ajuda-a a criar hábitos, para que não se sinta destabilizada e assoberbada quando entrar para a escola.

1.3.1.3. Considerações finais em relação ao grupo

Em relação ao grupo observado, foi visível que ao longo do tempo as crianças evoluíram a todos os níveis, sobretudo no que concerne ao cumprimento das regras e ao respeito pelo outro.

O grupo, por ser acessível e afável, permitiu que houvesse um à vontade na minha aproximação em relação a cada criança. Senti que estas deixaram que intervisse na sua educação e nas situações do seu dia-a-dia, como se fosse a educadora, o que para mim, como futura educadora, é muito positivo e gratificante.

Não só as crianças se mostraram compreensíveis, mas também senti a aproximação e carinho de alguns pais que elogiaram e agradeceram o meu empenho em relação aos seus filhos, servindo-me como motivação e incentivo em continuar a realizar um bom trabalho, não só no presente, mas também como futura educadora.

A parceria com a equipa de trabalho do Jardim-de-Infância da Sé, bem como com a minha colega de estágio, Diana Pavão, foram decisivas para o meu crescimento académico.

1.3.2. Escola Básica Adães Bermudes

A minha PES II foi realizada com o grupo de alunos do 1º ano, que têm idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos de idade, e sob a orientação da professora Margarida Pires.

Antes de realizar a caracterização do grupo de alunos, gostaria de salientar que é necessário conhecer, antes de mais, o grupo de alunos com que se vai trabalhar, para que se possa adaptar as situações ao grupo e às especificidades de cada aluno, planificando situações agradáveis a todos,

capazes de desenvolver as competências pretendidas pelo professor, contribuindo para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso das aprendizagens.

Assim sendo, cabe ao professor planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada aluno, apoiando-as para que cheguem a níveis de realização, capazes de se tornarem ativas e autónomas.

As informações referentes ao grupo foram recolhidas através de conversas com a professora e restante pessoal pedagógico e pela minha observação, durante estas dezasseis semanas.

O meu grupo de trabalho foi constituído por 26 crianças (Gráfico 4), com idades compreendidas entre os 6 e 7 anos de idade (Gráfico 5).

O gráfico 4 representa a distribuição, em género, dos alunos presentes no grupo de trabalho

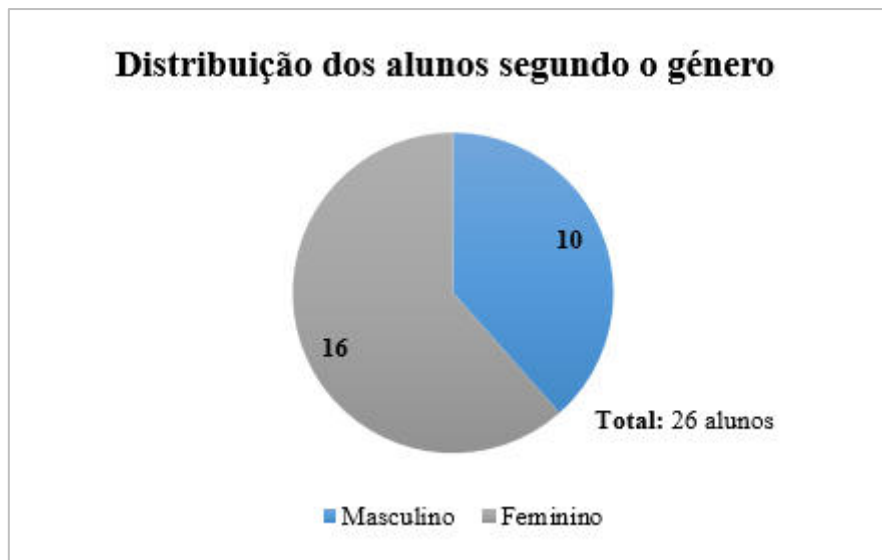


Gráfico 4 – Distribuição dos alunos segundo o género

Fonte: Própria

Da análise ao gráfico inferimos que existem mais indivíduos do sexo feminino, perfazendo 16 alunas em oposição aos 10 alunos do sexo masculino. De referir que a turma apesar disso apresentava comportamento equilibrado.

O Gráfico que se segue, *gráfico 5*, apresenta a distribuição, em idades, do grupo de trabalho (Obs.: as idades referidas neste gráfico são o registo até março de 2016)

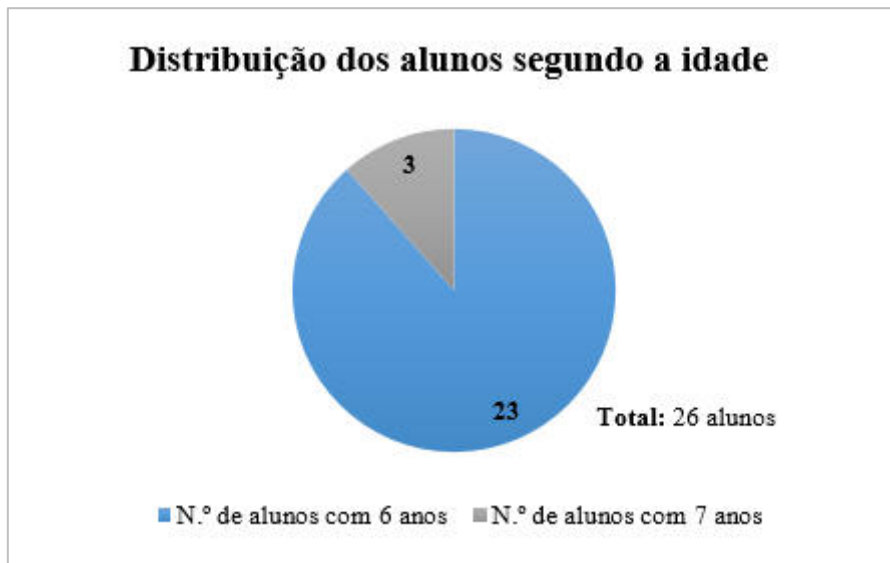


Gráfico 5 – Distribuição dos alunos segundo a idade
Fonte: Própria

Analisando, depreendo que, de um total de 26 alunos, a maioria tem 6 anos o que me permitiu ter um grupo bastante homogéneo para trabalhar.

O *gráfico 6* mostra a distribuição do agregado familiar do grupo de alunos, a nível do número de irmãos

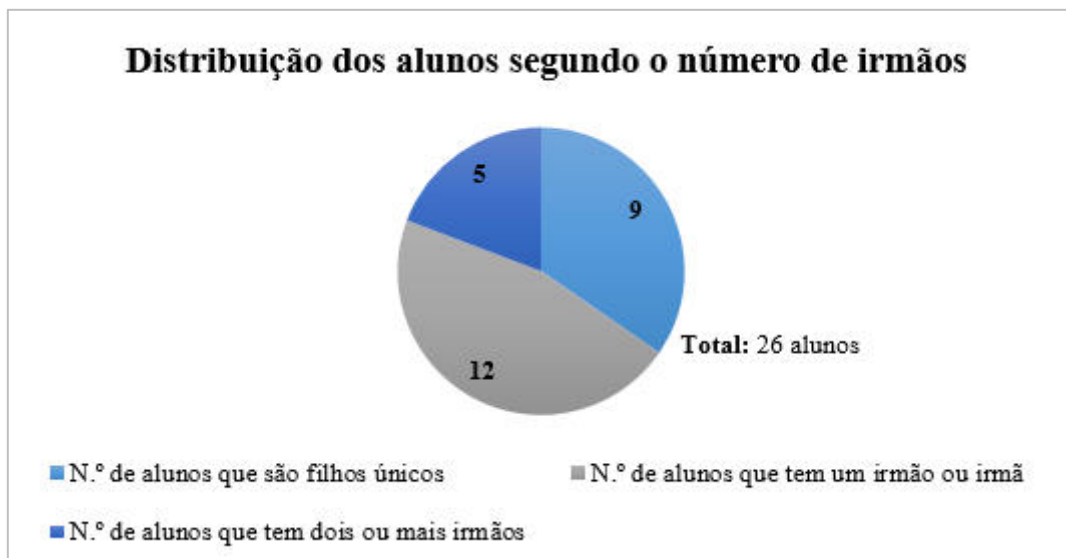


Gráfico 6 – Distribuição dos alunos segundo o número de irmãos
Fonte: Própria

Feita a análise, posso inferir que existem cinco alunos que pertencem a famílias consideradas numerosas, com dois ou mais irmãos; doze alunos têm mais um irmão e os restantes nove alunos são filhos únicos.

Analisando as habilitações literárias dos pais, é possível constatar que, em média, as mães possuem um grau académico superior ao dos pais, predominando um nível de formação superior.

Relativamente à idade dos pais constatei que esta varia entre os trinta e seis e os cinquenta e um anos de idade, por fim, posso referir que as mães são aquelas que, na maioria, assumem o papel de Encarregados de Educação².

1.3.2.1. Caraterísticas do comportamento dos alunos na sala de atividades

O grupo de alunos do 1º ano caracteriza-se por ter um comportamento homogéneo, pois são meigos e respeitadores das regras da escola e da sala de aula. Saliento que, ao longo do tempo, verificou-se uma evolução geral do comportamento de todos os alunos, principalmente, na execução das tarefas. É um grupo sociável e respeitador, mostrando prazer e interesse em comunicar e participar. Finalizo, referindo que é importante que o professor promova a estes alunos a permanência da motivação e interesse pois estes são recetores de todos os estímulos que o professor oferece, pois tudo o que aprenderem irão mais tarde aplicar.

1.3.2.2. Caraterização do desenvolvimento dos alunos

Podemos verificar que para as idades deste grupo, os alunos apresentam um desenvolvimento normal e equilibrado, mostrando interesse em todas em todas as áreas e daí os bons resultados que têm conseguido a nível da leitura e da escrita de palavras e de frases, bem como na área de Matemática. Apenas dois elementos da turma revelaram um pouco de dificuldades na leitura dado que, por motivos de saúde, foram menos assíduos e encontraram-se, em determinada altura, debilitados.

É essencial caraterizar o nível de desenvolvimento dos alunos, uma vez que cada grupo apresenta um determinado conjunto de caraterísticas, segundo a fase em que se encontram.

As crianças de seis e sete anos encontram-se, segundo Piaget (s/d) cit. em Tavares (1985), entre o subestádio final do Estádio Pré-Operatório, em que o aluno começa a emergir das operações concretas com o culminar do processo de *descentração, regulação e coordenação ou sistematização das representações* e o subestádio ou nível inicial (nível das operações simples e

² É de salientar que existe um investimento dos encarregados de educação na educação das crianças e no seu bem-estar, pois procuram incluir as crianças em atividades extra – curriculares que envolvem um pagamento adicional.

elementares) do Estádio das Operações Concretas, que é caracterizado pela classificação, a seriação e numeração (quantificação).

Wallon (s/d) cit. em Tavares (1985) salienta que esta fase do desenvolvimento é denominada por Estádio Categorical, que se manifesta pelo aparecimento da autodisciplina mental e do pensamento categorial, caracterizado pelas *comparações, distinções, assimilações sistemáticas e coerentes*.

Tavares (2007) menciona que os alunos crescem e desenvolvem-se num contexto familiar e social específico, pelo que o controlo exercido pelos pais e restantes agentes educativos afeta o desenvolvimento psicossocial dos alunos.

1.3.2.3. Considerações finais em relação ao grupo

Em relação ao grupo observado, sendo uma fase caracterizada pela adaptação a uma nova realidade que é o 1º Ciclo foi visível que, ao longo do tempo, os alunos evoluíram a todos os níveis esperados, salientando-se o cumprimento das regras e o respeito pelo outro.

O grupo, por ser acessível e afável, permitiu que houvesse um à vontade na minha aproximação em relação a cada aluno. Senti que estes deixaram que interviesse na sua educação e nas situações do seu dia-a-dia, como se fosse a professora, o que para mim, como futura profissional, é muito positivo e gratificante, servindo-me como motivação e incentivo em continuar a realizar um bom trabalho, não só no presente, mas também como futura professora.

A parceria com a equipa de trabalho da Escola Básica Adães Bermudes foi decisiva para o meu crescimento académico.

Capítulo II

Descrição do Processo da Prática de Ensino Supervisionada

2. A Prática de Ensino Supervisionada

2.1. Contexto Legal da PES

A PES é, de acordo com o despacho n.º 4208/2010, a área científica predominante do plano de estudos do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, tendo um valor de 45 *European Credit Transfer System* (ECTS) dos totais 90 do curso. Esta área científica está dividida em três partes a PES I, PES II e PES III.

A PES I foi lecionada no 2.º semestre do 1º ano, obtendo um valor de 20 ECTS. Carece de Trabalho de Campo, Orientação Tutoria e Estágio, sendo este último, aquele que ocupa a maioria das horas dedicadas a esta unidade curricular. No meu caso, a PES I foi realizada em Educação Pré-Escolar no Jardim-de-Infância da Sé.

Em relação à PES II, esta é muito semelhante à anterior, modificando apenas o ciclo, local, e demais condições de atuação. Neste caso, realizei a PES II no 1.º CEB na Escola Básica Adães Bermudes numa turma do 1º ano. Esta componente foi lecionada no decorrer do 1.º semestre do 2.º ano.

A PES III: Organização e Administração Educacionais decorreu durante o 1.º semestre do 2.º ano e carece de aulas Teórico-Práticas, Trabalho de Campo, Orientação Tutoria e Estágio, e tem um valor de 5 ECTS.

A PES torna-se assim muito importante na formação do futuro educador/professor pois, de acordo com o artigo 30.º do Capítulo IV da Lei n.º 46/86 a formação de educadores e professores tem como princípio proporcionar-lhes a informação, os métodos e as técnicas científicas/pedagógicas de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função. A PES ainda ganha relevo no Decreto- Lei 43/2007, referindo que é

o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização de conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade (p.1321).

2.2. Experiência de Ensino e Aprendizagem

2.2.1. Experiências de Ensino e Aprendizagem desenvolvidas na Educação Pré-escolar

O Estágio de PES I foi realizado no Jardim-de-Infância da Sé, pertencente ao Agrupamento de Escolas Afonso Albuquerque, durante catorze semanas, de 24 de fevereiro a 9 de junho de

2015, com crianças entre os 3 e os 5 anos de idade. As duas primeiras semanas destinaram-se ao conhecimento e observação da instituição e do grupo de crianças, para que pudesse estar cientes do comportamento do grupo de trabalho em situações de interação social e em diferentes contextos de aprendizagem. Nas restantes doze semanas realizaram-se planificações semanais de acordo com os temas pré-estabelecidos pela educadora cooperante, Celeste Mendonça, para que pudesse desenvolver práticas pedagógicas com o grupo de crianças. Estas semanas de prática tiveram como objetivo observar e refletir sobre situações práticas em contexto de jardim-de-infância.

Antes de enumerar as diversas experiências de ensino e aprendizagem desenvolvidas durante a PES I, acho pertinente falar da importância da Educação Pré-Escolar. Sendo assim, a Educação Pré-Escolar é uma etapa da educação, fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. A criança entenderá o mundo que a rodeia, quanto mais cedo entrar em contato com o meio escolar e com as várias áreas de aprendizagem. Desta forma, a criança obtém um nível de conhecimento linguístico, para se tornar um bom cidadão na sociedade onde está inserida. Mas também é, segundo Strecht (2004), a etapa de excelência para a criança desenvolver e construir o seu mundo interior e formar o seu caráter.

A Educação Pré-Escolar é uma etapa primordial na vida das crianças, pois é nela que são promovidas estratégias de aprendizagem que permitem que a criança consiga estruturar o seu pensamento e as suas ideias. Ao ingressar no jardim-de-infância, a criança traz consigo experiência e saberes anteriores retirados do meio social de que é proveniente. Estes devem ser valorizados e fortalecidos pelo educador, proporcionando-lhes aprendizagens cada vez mais complexas e significativas, de modo a encoraja-las a resolver problemas e a iniciar novas experiências de aprendizagem. Esta primeira fase não deve ser apenas uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas deve permitir à criança contactar com instrumentos que lhe sejam úteis na sua aprendizagem futura.

Para a PES na Educação Pré-Escolar, em vigor no Ministério da Educação, estão os princípios gerais e objetivos da Lei de Bases do Sistema Educativo, que servem de orientação e base para que o educador exerça, de forma capaz, a sua prática profissional.

A Lei Quadro da Educação Pré-Escolar (1997) tem como um dos objetivos a intenção educativa, desenvolvendo capacidades e potencialidades das crianças, no domínio afetivo, moral e social. Outro programa que serve como base para os educadores são as OCEPE, onde são apresentadas um conjunto de orientações definidas pelo Ministério da Educação. Estes programas e leis têm como objetivo promover uma educação pré-escolar organizada e de qualidade, acessível a todas as crianças, e contêm também um planeamento intencional e organizado, contribuindo

para que o educador planeie o seu trabalho da melhor forma, promovendo o desenvolvimento e aprendizagem eficazes nas crianças.

As OCEPE (1997) apresentam as áreas de conteúdo que devem ser trabalhadas na educação pré-escolar, e, que devem ser utilizadas, como referência para o planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas. Estas áreas de conteúdo devem ter correspondência com os domínios e subdomínios do programa do 1º CEB. O mesmo documento, apresenta três áreas de conteúdo, entre as quais, Área da Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo.

Antes de enumerar as atividades realizadas nas diferentes áreas de conteúdo é importante referir a rotina que as crianças cumpriam todos os dias da semana.

Assim, no período da manhã, por volta das 9 horas, as crianças entravam na sala em fila indiana e sentavam-se nas mesas de trabalho. Enquanto aguardavam pela chegada da educadora, jogavam diferentes jogos lúdico-didáticos. Após a chegada desta, as crianças guardavam os jogos, sentavam-se em círculo, sempre com diferença de género (menino, menina, menino, menina, e assim sucessivamente), no cantinho da leitura e procedia-se à escolha do chefe do dia através da extração de uma letra, referente a uma das outras crianças, por parte do chefe do dia³ anterior. O chefe do dia tinha como função sortear, de olhos vendados, a ordem que cada colega iria marcar a sua presença. À medida que as registavam, iam à casa de banho lavar as mãos e aguardavam pelas restantes crianças, formando fila indiana, para irem lanchar, por volta das 10 horas da manhã. Após o lanche da manhã, as crianças voltavam à sala para realizar atividades e/ou brincar livremente e por volta do meio-dia, as crianças iam à casa de banho, lavavam as mãos e almoçavam.

No período da tarde, as crianças entravam na sala por volta das 14 horas, em fila indiana, realizavam as atividades e /ou brincavam livremente e por volta das 16 horas iam à casa de banho, lavavam as mãos, formavam fila indiana, tiravam os bibes, lanchavam e iam para o salão, enquanto aguardavam pelos pais.

As atividades extracurriculares que faziam parte da rotina diária das crianças e que foram observadas ao longo destas catorze semanas foram: Música, Inglês e Natação.

³ As crianças que faziam anos eram sempre “o chefe do dia”. As tarefas do chefe do dia consistiam em chamar os meninos para fazer o comboio; ver se arrumavam as cadeiras e os materiais; chamá-los para marcar as presenças; e, verificar se cumpriam as regras.

2.2.1.1. Área de Expressão e Comunicação

2.2.1.1.1. Domínio da Expressão Físico-Motora

A expressão físico-motora, de acordo com Serrão (s/d), é a área que dá prioridade ao movimento, ao desenvolvimento físico e motor das crianças. As atividades devem ser efetuadas num espaço livre e lúdico, favorecendo a cultura do brincar.

Durante o tempo de PES I não tive a oportunidade de explorar muito a expressão físico-motora, uma vez que havia um professor responsável por este domínio do conhecimento. Mesmo havendo alguém já encarregue em dar esta área, não deixei de explorar, embora com menor relevância. Assim, achei pertinente dar maior relevo às outras áreas/domínios.

Das atividades que mais gostei de apresentar/explorar, e penso que foi recíproco em relação às crianças, foi o jogo denominado “A mamã e os seus filhos”. Este jogo surgiu na semana em que foi comemorado o dia da mãe, pelo que a maior parte das atividades durante esta semana eram relacionadas com este tema. Sendo assim, este jogo consistia na distribuição de vários arcos no chão. Uma das crianças era nomeada a “mãe” e as restantes eram os “filhos”. A “mãe” tinha como objetivo apanhar os “filhos” para colocá-los na sua cama (arco). Contudo, existia um “filho” que tinha como função “acordar” e tirar os “irmãos” da cama, o que dificultava o trabalho da “mãe”. O jogo acaba quando a “mãe” conseguia colocar todos os “filhos” na cama, pelo que esta atividade resultou muito bem e foi notória a grande motivação das crianças neste jogo. Essa motivação acrescida ainda porque era uma atividade que explorava imenso a parte física das crianças e estas podiam correr, algo que todas as crianças gostam de fazer.

2.2.1.1.2. Domínio da Expressão Plástica

A expressão plástica, tal com refere Jesus (s/d), é um dos meios que a criança encontra para exteriorizar e comunicar a forma como observa o mundo que a rodeia, manipulando a matéria, de forma criativa.

A atividade que realizei em expressão plástica que, na minha opinião, resultou melhor e que também foi das primeiras a ser explorada foi “Como se fazem as cores?”. Esta atividade tinha como objetivo, tal como é perceptível pelo nome da atividade, mostrar às crianças como se fazem as cores. Para que todas pudessem observar, as crianças foram colocadas à volta de uma grande mesa. Assim, numa primeira fase, foram mostradas apenas as cores primárias (azul, amarelo e vermelho), seguidamente, perguntei quais as cores que estavam presentes e, caso juntasse, por exemplo, o azul com amarelo qual a cor que resultaria? Continuámos a atividade fazendo todas as combinações entre as três cores. De seguida, para que as crianças pudessem experimentar e visualizar, foi pedido que, uma a uma, com auxílio, juntassem as cores pretendidas e misturassem

com a ajuda de um pincel. As cores obtidas foram laranja (amarelo e vermelho), verde (azul e amarelo), castanho (azul e vermelho).

Após a realização desta atividade, e de forma a consolidar aquilo que tinha sido apresentado, as crianças foram chamadas, duas a duas, para efetuar o registo da combinação das cores anteriormente referidas numa folha de papel A4. Posso dizer que esta atividade foi enriquecedora, uma vez que foi possível verificar a curiosidade e a motivação das crianças enquanto estavam a realizá-la.

2.2.1.1.3. Domínio da Expressão Dramática

Tal como salienta Jardim (s/d), a área de expressão dramática, que pelo seu carácter flexível e abrangente, facilita e/ou promove a socialização, a integração, a perceção sensorial, a intuição, a atividade motora, a criação, a recriação, a comunicação e a expressão.

A atividade que mais gostei de explorar em expressão dramática foi apresentar, através de fantoches, uma adaptação feita por mim e pela minha colega de estágio da história “As gravatas do meu pai”. Esta atividade decorreu durante a semana da comemoração do dia do pai, ou seja, tudo o que foi feito durante esta semana era relacionado a este tema. Após a apresentação da história, cada criança pôde manipular os fantoches para que se apercebessem como estes funcionavam e tiveram a oportunidade de proferir algumas das falas da história anteriormente apresentada no fantocheiro. Esta atividade foi enriquecedora porque além de ter interligado a área de expressão dramática e do domínio da linguagem oral, também foi possível visualizar o entusiasmo e a curiosidade das crianças na manipulação dos fantoches, o que, para muitas crianças nunca tinha acontecido.

2.2.1.1.4. Domínio da Expressão Musical

A expressão musical, tal como refere Sequeira (2011), permite à criança desenvolver a imaginação e a criatividade, bem como a coordenação motora, a socialização e o respeito a si e ao grupo que a rodeia.

Esta área, tal como expressão físico-motora, é uma das quais existe um professor que está responsável de, uma vez por semana, dar este domínio. Desta forma, a área de expressão musical não foi tão explorada em relação a outras. Mesmo assim, tive a oportunidade de fazer algumas atividades. Desta forma, a atividade que mais gostei de fazer e, que no meu ponto de vista, mais entusiasmou as crianças foi a exploração da música “O Alfabeto – Carrossel da Fantasia”.

Esta canção, ao mesmo tempo que falava sobre as letras do alfabeto, associava estas a uma ou duas palavras (A – Abacate e Avião). Esta música foi incluída na festa de final de ano. Sendo que foi possível atribuir a cada criança uma letra do alfabeto, o resultado e o entusiasmo daí decorrente

foi extraordinário. Esta atividade permitiu que houvesse interdisciplinaridade entre expressão musical e domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, uma vez que ao mesmo tempo que cantavam a música interiorizavam as letras e as posições destas no alfabeto, contribuindo assim para a evolução destas crianças. A meu ver, para além de contribuir para a evolução deste grupo, foi também uma atividade que estimulou a memorização.

2.2.1.1.5. Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A área da linguagem oral e abordagem à escrita abrange todas as aprendizagens que se relacionam com o desenvolvimento psicomotor e simbólico, e que são determinantes para a compreensão e o progresso do domínio das diferentes formas de linguagem.

Uma das atividades desta área de ensino que, a meu ver, foi a que mais trouxe proveito para este grupo de crianças foi a distribuição de uma ficha de trabalho cujo nome era “Vou aprender a escrever o meu nome”. Esta ficha tinha como objetivo que cada criança passasse, com uma cor à sua escolha o seu nome tracejado e, posteriormente, o conseguisse fazer de forma autónoma, ou seja, sem a ajuda do tracejado. Esta ficha foi feita só com o primeiro nome para as crianças de 3 e 4 anos, e com os dois primeiros para as crianças de 5 anos. Não foi introduzido o nome completo uma vez que seria demasiado complicado para estas crianças escreverem e decorarem o seu nome todo. Esta atividade foi realizada com o propósito de que cada criança aprendesse a escrever (desenhar) o seu nome para que identificasse os seus trabalhos de forma independente.

2.2.1.1.6. Domínio da Matemática

O ensino da matemática, tal como refere Oliveira (2011), potencia nas crianças o desenvolvimento do raciocínio lógico, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas. É nos jogos matemáticos que a criança proporciona a aquisição de habilidades e o desenvolvimento operatório.

A atividade que mais gostei de realizar nesta área de ensino foi o “jogo dos arcos”, onde foram colocados cinco arcos com diferentes cores (amarelo, vermelho, laranja, azul e verde) e dentro de cada um deles estava um número (de 1 a 5) e cada número correspondia a uma cor do arco.

Este jogo consistia na exploração e identificação dos números de forma cardinal até o número 5 assim como no reconhecimento dos objetos da sala, pois cada criança, uma a uma, e de acordo com as minhas ordens, procurava na sala, por exemplo, cinco objetos iguais e colocava no arco onde se encontrava o número 5. Esta ação era repetida explorando todos os números e por todas as crianças. Desta forma a criança explorava também os números em forma ordinal.

2.2.1.2. Área da Formação Pessoal e Social

De acordo com as OCEPE (1997),

a Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida. Também a educação pré-escolar deve favorecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário (p.51).

A área de formação pessoal e social é aquela área em que, no meu ponto de vista, não são planificadas atividades. Estando sempre presente nas atividades planificadas, notamos que está presente por exemplo, na interação com o outro e no desenvolvimento da autonomia, objetivos não só da área de formação pessoal e social como também de todas as outras áreas. No entanto, notamos que havia uma atividade realizada todas as segundas-feiras e que ajudava na interação grupal. Mesmo não sendo planificada, esta atividade era de grande importância pois fazia com que as crianças soubessem ouvir as outras, desenvolvendo desta forma, o respeito e a socialização entre pares. Assim, quando todos sentavam-se no cantinho da leitura, para que cada uma das crianças contasse o seu fim-de-semana, os objetivos desta área de ensino eram alcançados. Graças a estas atividades as crianças ficavam a conhecer melhor os seus colegas e o que eles faziam quando estavam fora do jardim-de-infância, promovendo assim, o convívio e a troca de ideias e ideais.

2.2.1.3. Área do Conhecimento do Mundo

A área do conhecimento do mundo, tal como preconiza as OCEPE (1997), desenvolve na criança atitudes positivas em relação aos outros, nos cuidados para consigo e o respeito seja pelo ambiente, seja pela sociedade e a cultura.

A atividade que mais resultou nesta área de ensino foi a plantação de sementes que tinham fornecidas por uma instituição de apoio a crianças maltratadas. Cada criança cultivou a sua semente, o que permitiu que cada uma observasse o crescimento da semente ao longo do tempo, promovendo a responsabilidade do “eu” face ao outro pelas funções que detinham. Assim, todas as crianças foram chamadas a tratar das sementes regando-as e observando o seu estado e evolução (grupos de três elementos, escolhidos pela educadora).

Esta atividade teve o intuito de mostrar às crianças como é o processo de crescimento das sementes. Para promover a interdisciplinaridade, no período da manhã, no dia da plantação, foi contada a história “A viagem de uma sementinha” para introduzir a temática a abordar no período subsequente.

2.2.1.4. Reflexão Final da PES no Jardim-de-Infância

A realização da PES I permitiu-me ter ainda mais a certeza de que esta é a minha profissão de preferência. Para mim foi muito gratificante poder partilhar com todas estas crianças, a minha vontade de evoluir, construir e mudar a educação. Saliento também que esta prática foi essencial para minha formação como futura profissional na área de educação pré-escolar, considerando que levo deste jardim-de-infância bases fundamentais para a minha prática futura, com a certeza de que foi uma experiência muito proveitosa e enriquecedora para a minha formação. Levando como referência toda a comunidade educativa que contribuiu e, decerto, continuará a contribuir para o desenvolvimento de todas as crianças deste jardim, estou certa que encontro-me mais rica de conhecimento e valores que me ajudarão a prosseguir nesta longa caminhada que é o Ensino.

O início desta prática foi assinalado pelo receio de como iria ser recebida e qual seria o meu contato com as crianças e as suas reações. Porém, e à medida que os dias foram passando, fui ficando mais à vontade com o grupo e com a equipa educativa, comecei a sentir-me mais segura e capaz de pôr em prática as atividades planeadas. Após as catorze semanas de prática, é de primaz importância referir que trabalhar com crianças constitui uma árdua tarefa, uma vez que estas exigem bastante do educador, da sua atenção e esforço, quer a nível psicológico como físico. Contudo, é sem dúvida um trabalho muito gratificante, que permite vivenciar momentos únicos e contribuir para uma parte significativa do crescimento/desenvolvimento das crianças. Posso também afirmar que este percurso académico foi muito importante, porque permitiu-me conhecer um pouco o funcionamento do dia-a-dia na educação pré-escolar. Considero que cresci ao longo deste tempo de prática, pois todos os dias deparei-me com novas situações que me fizeram refletir sobre qual a melhor forma de as resolver.

Após a minha prática, posso referir que um educador deve apostar na criatividade para transmitir os conteúdos, devendo as atividades estar adequadas às necessidades das crianças. Constato também que o principal elemento para uma relação pedagógica de sucesso é a afetividade e o amor. Aprendi então, que estas são qualidades que devem estar presentes, tanto nos educadores como em todos os intervenientes do processo educativo. Exige-se o amor e a sensibilidade pelas crianças e pretende-se que o educador conheça cada uma das suas crianças, de forma a corresponder às necessidades de cada uma. De acordo com as OCEPE (1997), o educador deve conhecer teorias, possuir conhecimentos, mas o mais importante é conhecer individualmente cada criança e facultar-lhe um ambiente seguro onde se sinta valorizada.

Na minha perspetiva considero que o meu “dever” no Jardim-de-Infância da Sé foi cumprido, pois através de *feedbacks* positivos, por parte da educadora e restantes intervenientes educativos, foi possível verificar que o meu trabalho foi recompensado, servindo como incentivo para realizar

as atividades com mais motivação e dedicação. Não posso deixar de referir a forma como o grupo de crianças interagiu comigo, pois este é um grupo extremamente amável e interessado, o que facilitou a minha inserção neste jardim-de-infância.

2.2.2. Experiências de Ensino e Aprendizagem desenvolvidas no 1º CEB

O Estágio de PES II foi realizado na Escola Básica Adães Bermudes, pertencente ao Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque, às segundas, terças e quartas-feiras, durante 16 semanas, de 6 de outubro de 2015 a 27 de janeiro de 2016, com alunos do 1º ano com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos. As duas primeiras semanas foram destinadas ao conhecimento e observação da instituição e do grupo de alunos, para que pudesse estar ciente do comportamento do grupo de trabalho em situações de interação social e em diferentes contextos de aprendizagem. Nas restantes catorze semanas, sete delas foram destinadas a realizar planificações semanais, de acordo com os temas pré-estabelecidos pela professora cooperante, Margarida Pires, para que pudesse desenvolver práticas pedagógicas com o grupo de alunos. Estas semanas de prática tiveram como objetivo observar e refletir sobre situações práticas em contexto de 1º CEB e as outras sete semanas tiveram como objetivo observar a professora titular de turma, uma vez que eu não tinha colega de trabalho que pudesse observar.

Segundo Ladeira (2012), o 1.º CEB rege-se pelos programas estabelecidos pelo Ministério da Educação, estando estes estruturados por três grandes objetivos gerais:

- *Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade;*
- *Proporcionar a aquisição e domínio de saberes;*
- *Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática (p.41).*

A estrutura curricular do 1.º Ciclo é composta por duas áreas. A Área Curricular Disciplinar (Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões) e as Atividades de Enriquecimento Curricular (carácter facultativo). Ladeira (2012) defende que no 1.º Ciclo, a estrutura curricular se baseia em aprendizagens que devem ser ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras. Para tal, é crucial que o professor tenha sempre

presente a importância das suas ações e de que estas devem ter em conta o respeito pelas diferenças individuais, pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno, a valorização das experiências escolares e não escolares, assim como a consideração pelos interesses e necessidades individuais, promovendo o estímulo às interações e às trocas de experiências e saberes (p.41).

De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001 cit. em Ladeira (2012) o papel de um professor do 1.º CEB passa por ser aquele que desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola

inclusiva, movimentando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o alicerçam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos, integrando a Área Curricular Disciplinar e as Atividades de Enriquecimento Curricular já referidas.

2.2.2.1. Expressões

2.2.2.1.1. Expressão Físico-Motora

De acordo com Salvador (s/d) cit. em Alves (2013), a expressão físico-motora é crucial nas idades que integram o 1º CEB, uma vez que tem efeito evidente:

no desenvolvimento físico (ósseo, muscular, cardiovascular e controlo de obesidade); no desenvolvimento de habilidades não locomotoras (posturais), locomotoras (transporte do corpo) e manipulativas (controlo e transporte de objectos); no desenvolvimento perceptivo-motor (imagem corporal, direccionalidade, afinamento perceptivo e estruturação espacial e temporal); no desenvolvimento do autoconceito (físico, académico, estima pessoal, etc.) e no desenvolvimento psico-social, estético e moral referente à melhoria do ajustamento social e da estabilidade emocional (p.24).

A expressão físico-motora foi das expressões, a mais trabalhada. Nesta área é possível aos alunos saírem da sala de aula e movimentarem-se no espaço exterior pelo que, não estando confinados à sala de aula, nem permanentemente sentados, colhe de bom grado frutos junto dos alunos. Sendo assim, muitas foram as atividades realizadas nesta área, mas no meu ponto de vista, aquela que se destaca mais é o jogo do “mata”. Este jogo consistia na formação de duas equipas que deveriam ter o mesmo número de elementos. As equipas dispersavam-se pela sala e um dos alunos possuía uma bola, com a qual tentava “matar” os colegas da equipa adversária, atirando-a na sua direção. O aluno que fosse tocado com a bola dirigia-se para o “piolho” (espaço que se encontrava atrás da equipa adversária), onde poderia lançar e receber a bola. O objetivo de jogar este jogo é “matar” todos os elementos da equipa adversária.

Sendo um jogo que envolveu toda a turma, foi uma atividade que ajudou a desenvolver a sociabilidade entre os alunos, bem como o respeito pelas regras. Por fim, permitiu ainda melhorar a competição saudável em cada um dos alunos.

2.2.2.1.2. Expressão Plástica

Tal como refere Sousa (2016), a expressão plástica torna-se importante no 1º CEB, uma vez que desenvolve a expressividade e criatividade, tornando os alunos mais sensíveis e com uma visão mais larga do mundo, e do outro.

A atividade que, no meu ponto de vista, foi mais proveitosa nesta área do conhecimento foi a construção de uma coroa para a comemoração do dia dos reis. Esta ação levou os alunos a

trabalhar a sua criatividade, uma vez que praticamente todo o processo de construção foi da responsabilidade de cada aluno. Nesta ação só realizei o molde de cada coroa e, no fim, moldei-as adaptando-as a cada cabeça dos alunos. A meu ver, esta atividade foi a que se destacou na área de expressão plástica porque foi a atividade que notei mais entusiasmo por parte dos intervenientes e onde cada aluno mostrou-se orgulhoso do seu trabalho.

2.2.2.1.3. Expressão Dramática

A expressão dramática é marcante para o desenvolvimento intelectual, social, físico e emocional dos alunos. Nesta área são efetuadas várias atividades que contemplam as dimensões plástica, sonora, da palavra e do movimento em ação, tornando-se assim uma área globalizadora.

Ao contrário da expressão físico-motora, a expressão dramática foi das expressões, a menos explorada. Sendo assim, destaco a dramatização da história do “Capuchinho Vermelho” que ocorreu depois da leitura da história, criando um momento de interdisciplinaridade com a área de português. Uma vez que esta atividade foi realizada com fantoches, facultou aos alunos a oportunidade de experimentarem algo a que não estavam habituados. A manipulação dos fantoches foi um momento de grande entusiasmo, bem como demonstrar aos colegas que tinham compreendido e que estavam atentos à história.

Com esta atividade foi possível verificar o poder de improviso, concentração e interiorização das aprendizagens por parte dos alunos.

2.2.2.1.4. Expressão Musical

Tal como preconiza Ongaro (2014),

a expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total (p.2).

As atividades que foram realizadas no âmbito da área de expressão musical foram adaptadas às previstas no plano anual de atividades do local de estágio, não estando previstas inicialmente nas minhas planificações. Estas surgiram em épocas festivas conforme o uso em escola ou para complementar um conteúdo que tinha sido lecionado e para o qual vi necessidade de utilizar para uma melhor apreensão de conteúdos. Destaco assim, a canção que foi explorada durante cerca de duas semanas para ser apresentada na Festa de Natal. A canção escolhida por mim e pela professora foi o tema natalício “Rodolfo”.

Nesta atividade foi possível haver interdisciplinaridade com a área de expressão físico-motora, uma vez que juntamente com a canção, os alunos também apresentaram uma coreografia. Com esta atividade pude verificar a capacidade de memorização dos alunos, não só para decorar a canção, como também para memorizar a coreografia que a acompanhava.

2.2.2.2. Português

De acordo com Gaitas (2013), a aprendizagem do português é uma das aprendizagens que deve-se desenvolver no início da escolaridade obrigatória. Promovendo não só os resultados escolares noutras áreas curriculares para as quais o domínio da língua portuguesa é essencial, tem ainda importância para o futuro e a inserção de adultos numa sociedade em que a linguagem ocupa um lugar de destaque.

A atividade que gostaria de destacar na área de Português é a de consolidação da letra “l”. Assim, realizamos uma atividade onde dentro de um saco, existiam diversas frases que continham palavras com as letras apreendidas até a altura (vogais e a letra “p” e “l”). Cada aluno deveria deslocar-se até ao quadro, retirar uma frase do saco, ler essa mesma frase e depois reescreve-la no quadro. Esta atividade serviu para aferir se a matéria lecionada tinha sido assimilada pelos alunos.

2.2.2.3. Matemática

Tal com preconiza Mata (2012),

a Matemática, sendo uma das áreas que contribui fortemente para a educação, mais do que exercitar a memorização de regras e cálculos, é uma área que está presente no dia-a-dia, de inúmeras formas, e que contribuí para a formação de cidadãos críticos, autónomos e aptos à resolubilidade de situações problemáticas do quotidiano (p.16).

A atividade que mais se destacou, no meu ponto de vista, das restantes realizadas na área de matemática, foi a exploração dos blocos lógicos. Nesta atividade, os alunos tiveram a oportunidade de manipular estes blocos e perceber quais as suas características: forma (círculo, quadrado, triângulo ou retângulo), cor (vermelho, azul ou amarelo), tamanho (grande ou pequeno) e espessura (fino ou grosso). Com este jogo os alunos puderam também rever a matéria já dada, tal como as formas geométricas e as cores, em interdisciplinaridade com a área da expressão plástica. Como forma de consolidação, foi distribuída uma peça por cada aluno e, à vez, foram ao quadro assinalar as características que a peça tinha, como por exemplo, quadrado, amarelo, pequeno e fino. Este jogo fez, também, com que os alunos ampliassem o seu poder de análise e raciocínio bem como apreensão de conhecimentos.

2.2.2.4. Estudo do Meio

Como refere o Ministério da Educação (2001) cit. em Faria (2007),

o Estudo do Meio é uma Área Curricular que promove o desenvolvimento e aquisição de conceitos espaciais e humanos, uma vez que abarca todos os níveis do conhecimento humano, desde a experiência sensorial directa até aos conceitos mais abstractos; da comprovação pessoal até ao conhecimento através do testemunho e da informação e da apreensão global do Meio até à captação analítica dos diversos elementos que o integram (p.11).

A atividade de estudo do meio que mais proveitos teve pela participação dos alunos, foi a apresentação da Lenda de São Martinho. Como forma de introdução ao tema das tradições, foi escolhida a comemoração do dia de S. Martinho, celebrado todos os anos, tornando-se assim numa tradição. Esta atividade foi feita em interdisciplinaridade com expressão musical e plástica, uma vez que a história de São Martinho foi contada com recurso a uma música acompanhada com imagens e, a pintura de um desenho alusivo a este dia. No meu ponto de vista, esta foi uma boa forma de apresentar este tema às crianças pois facilitou a sua compreensão e memorização.

2.2.2.5. Reflexão Final da PES no 1º CEB

A realização da PES no 1º CEB permitiu-me ter ainda mais a certeza de que esta é uma das minhas profissões de preferência, pois foi para mim muito gratificante poder partilhar, com todos estes alunos, a minha vontade de evoluir. Saliento também que esta prática foi essencial para minha formação como futura profissional na área do 1º CEB, considerando que levo desta escola bases fundamentais para a minha prática futura, com a certeza de que foi uma experiência muito proveitosa e enriquecedora para a minha formação.

O início desta prática foi marcado pelo receio de como iria ser recebida, qual seria o meu contacto com os alunos e as suas reações, e também como é que iria comportar-me diante da turma, visto que na PES I não implicava estar em frente às crianças. Porém, e à medida que os dias foram passando, fui estando mais à vontade com o grupo e com a equipa educativa, comecei a sentir-me mais segura e capaz de pôr em prática as atividades planeadas.

Após as dezasseis semanas de prática, é de extrema importância referir que trabalhar com alunos constitui uma árdua tarefa, uma vez que estas exigem bastante do professor, da sua atenção e esforço, quer a nível psicológico como físico. No entanto, é sem dúvida um trabalho muito gratificante e que permite vivenciar momentos únicos.

Posso também afirmar que este percurso académico foi muito importante, porque permitiu conhecer um pouco do funcionamento do dia-a-dia numa escola do 1º CEB. Considero que cresci

ao longo deste tempo de prática, pois todos os dias deparava-me com novas situações, que fizeram-me refletir qual a melhor forma de as resolver.

Após a minha prática, posso referir que um professor deve apostar na criatividade para transmitir os conteúdos, devendo as atividades estarem adequadas às necessidades dos alunos. Aprendi também que, ser afetuoso é essencial, tanto nos professores como em todos os intervenientes do processo educativo. Exige-se o carinho e a sensibilidade para com os alunos e pretende-se que o professor conheça cada um dos seus alunos, de forma a corresponder às suas necessidades. Não posso deixar de referir ainda a forma como o grupo de alunos interagiu comigo, um grupo extremamente amável e interessado, o que facilitou a minha inserção nesta escola.

Capítulo III

O Meio Agente Modificador de Conceitos Apreendidos:

Música Erudita vs. Música Tradicional

3. Enquadramento Teórico

Neste capítulo irei explorar as concepções de música erudita e de música tradicional, pois ao serem temas cruciais deste trabalho torna-se necessário desenvolvê-los para que seja possível um melhor esclarecimento destes conceitos. Seguidamente analisarei as vantagens e desvantagens que estes tipos de música possam influenciar no processo de aprendizagem. Por fim, irei demonstrar o estudo realizado para que seja perceptível qual o tipo de música que mostra ser mais eficaz de ser escutado dentro de uma sala de aula.

3.1. Música Erudita

De acordo com Santana (s/d) a música erudita é bem difícil de se definir. De uma forma mais geral, pode-se afirmar que abrange toda forma musical admitida nas academias, pesquisada e interpretada no âmago das convenções e dos cânones previamente determinados pelos historiadores da música.

Silva (2015) refere que *erudito provém do latim “eruditus”, que significa educado ou instruído. A música elaborada neste estilo desenvolveu-se segundo moldes da música secular e da liturgia ocidental (...)* (p.6). Gomes (2012) defende ainda que,

a música erudita é, por definição, toda a criação musical resultante da erudição, produzida de acordo com regras que foram sendo estabelecidas ao longo de várias épocas, integrando vários géneros que respeitam a diferentes fases estéticas e que vão desde a Idade Média aos nossos dias. Ela abrange períodos tão distintos que correspondem a categorias tão diversas como a música medieval e renascentista, a música barroca e clássica, do Romantismo e a música contemporânea (s/p).

Os dicionários de música costumam também difundir outra noção desta expressão, a de que ela tem o sentido de música séria, contrapondo-se às canções populares, folclóricas e ao jazz.

Uma concepção alternativa é a de que a música erudita é aquela que é concebida por autores maiores do repertório e que engloba não só o chamado período clássico que se desenrola de 1750 a 1830, incluindo especialmente as produções de Haydn, Mozart e Beethoven, mas também as dos outros períodos da História da Música desde a Idade Média até aos nossos dias. No período clássico aparecem sobretudo peças na forma de sinfonia, quartetos de cordas e os concertos em três andamentos e a produção de obras corais e óperas nomeadamente com Mozart. Deste movimento surgiu igualmente a sonata em quatro andamentos, que se aprimorou ao longo do século XIX.

O formato sonata trouxe à música erudita modificações fundamentais. Apareceram arrojados contrastes de tonalidades, com modulações a tons afastados, contraposições entre distintas

conceções temáticas e, como consequência, um desenvolvimento da carga dramática desta estrutura musical, bem como uma maior exploração destas texturas com recurso a ousadas formações e combinações instrumentais.

3.2. Música Tradicional

Segundo Castelo-Branco e Toscano (1988) cit. in Alves (2016), existem diferentes expressões para designar o conceito de música tradicional em Portugal, nomeadamente: música tradicional, música regional, canção rústica, música popular e música folclórica, sendo que os conceitos de música tradicional e música popular são as mais utilizadas e, como poderemos verificar de seguida, também são estes conceitos aqueles que mais entram em confronto devido à semelhança entre ambos.

De acordo com Costa (2006) cit. in Rodrigues (2015) *a música tradicional portuguesa é valiosíssima, tanto em termos musicais como linguísticos. Encontramos várias formas de expressar sentimentos, alegrias, tristezas, tudo aquilo que identifica um povo, em tempos “escravo” de um trabalho agrícola, o seu modo de subsistência* (p.16). Também Alves (2016) defende que

a música tradicional, própria de um povo, numa determinada região geográfica e num determinado contexto social, tem raízes num passado mais ou menos remoto. Fruto de transmissão oral, sofre evolução e é permeável aos contactos e influências culturais do exterior. A grande característica da música tradicional é a sua indissolução do seu contexto vital. Não nasce como um objeto estético que se valorize e admire por si só, mas sim como uma música funcional associada ao trabalho duro do campo. Existindo apenas como uma memória no seu contexto original, representa a psicologia, um modo de vida de um povo e os fósseis de um passado remoto (p.12).

Ainda Resende (2008) cit. in Rodrigues (2015) menciona que o conceito de música tradicional é o resultado da tradição de um povo, ou seja, canções transmitidas oralmente que têm, assim, um cariz de anonimato. Diaz (2008) cit. in Rodrigues (2015) ainda acrescenta que *pode-se considerar música tradicional toda aquela que, servindo para diferentes actividades (dança, baile, canção), tem uma antiguidade remota e chega aos nossos dias graças ao esforço individual e colectivo da comunidade que a interpreta* (p.17).

Diaz (2008) cit. in Rodrigues (2015) ainda acrescenta que a música tradicional não é pura nem inata, mas sim o resultado da cultura de um povo ligado a atividades rurais. Lambea (s/d) cit. in Rodrigues (2015) ainda considera, que *é aquela música anónima, de carácter popular, que tem chegado aos nossos dias através da tradição oral* (p.17). Também Raposo (2009) cit. in Rodrigues (2015) salienta a ideia que as canções tradicionais expressam a vida de um povo nas

atividades ligadas à vida rural, à pesca, entre outras, abordando temas como o trabalho, a religião e o amor. Torre (1998) cit. in Rodrigues (2015) identifica a canção tradicional como *fonte informativa que reúne o cerne da individualidade de uma cultura e que faz a ligação entre o presente e o passado. Elas falam da natureza, do amor e da morte, das relações familiares e sociais* (p.17).

Ainda na mesma linha de pensamento, encontramos Fernando Lopes-Graça (1991) cit. in Rodrigues (2015) que a caracteriza como *expressão e documento da vida, sentimentos, aspirações e afectos do nosso povo, a canção popular portuguesa faz parte do património espiritual da nação portuguesa (...) Amá-la é conhecermos do que nós existe de mais fundo e enraizado no solo natal* (...) (p.18).

Fernando Lopes-Graça (2006) cit. in Rodrigues (2015) aborda o reconhecimento da música tradicional enquanto parte integrante de uma identidade cultural nacional, valorizando a estética da música tradicional e sublinhando a relação entre a música e a vida social. Neste sentido, o autor define-a como

companheira da vida e trabalhos do povo português, a canção segue-o do berço ao túmulo, exprimindo-lhe as alegrias e as dores, as esperanças e as incertezas, o amor e a fé, retratando-lhe fielmente a fisionomia, o género de ocupações, o próprio ambiente geográfico, de tal maneira ela, a canção, o homem e a terra, onde uma floresce e o outro labuta, e ama, e crê, e sonha e a que entrega por fim o corpo, formam uma unidade, um todo indissolúvel (p.18).

Muito do conhecimento que se tem do património da música tradicional deve-se ao trabalho de Michel Giacometti dedicado à recolha e gravação fonográfica das músicas do povo português. A fonte bibliográfica das melodias tradicionais encontra-se nas compilações chamadas de cancioneiros. Michel Giacometti, em parceria com Fernando Lopes-Graça, realizou a recolha de canções tradicionais e publicou o seguinte cit. in Rodrigues (2015),

a música tradicional portuguesa é a parte integrante de um todo, que, em detrimento da sua complexidade, podemos designar como o sistema de cultura do povo português. Ligada à culinária, à indumentária, à linguagem, à mentalidade popular, esta característica de elemento dum sistema constituiu um dos seus aspetos importantes a reter, dada a necessidade de considerarmos, ou pelo menos supormos, o contexto, o todo, para entendermos a parte que lhe pertence (p.25).

Fernando Lopes-Graça (2006) cit. in Rodrigues (2005) admite que se torna difícil estabelecer os limites ou mesmo as diferenças entre tradicional e popular.

Alves (2016) refere que

a música popular é, em grande parte, influenciada pela música tradicional - mas constituem géneros distintos. Este termo começou a ser utilizado como designação de um tipo de música que floresceu e se desenvolveu a partir do início do século XIX e do século XX nos Estados Unidos e na Europa, respetivamente. Verifica-se que os autores interessados por esta terminologia não são unânimes no que diz respeito à designação da canção proveniente da cultura de um povo. Neste domínio foi possível encontrar denominações como canção popular e canção tradicional (p.13).

O conceito de música popular tem vindo a ser alterado ao longo dos tempos por forma a tornar-se mais coincidente com a terminologia internacional. Para Azevedo Reis (2007) cit. in Alves (2016), a música popular e folclórica portuguesa é, um meio seguro de conhecer a história do nosso povo porque, tal como afirmou Lopes Graça (1991) cit. in. Alves (2016), referindo-se à música popular e folclórica, *que a partir dos meados do século dezanove se assistiu a uma espécie de divórcio entre a cultura das elites citadinas e a cultura dos meios rurais, fator esse, que contribuiu para que a canção rústica não sofresse alterações significativas (p.14).*

Segundo Corte-Real (1996) cit. in Alves (2016)

a música popular portuguesa é um dos conceitos mais utilizados em Portugal para designar a música tradicional portuguesa em geral. Contrastando com os seus congéneres música folclórica e música regional, o conceito de música popular não se limita à tradição rural, sendo utilizado como referente em ambos os contextos musicais, rural e urbano. Embora nem sempre explicitamente definido na literatura, este conceito genérico implica frequentemente uma série de princípios fundamentais tais como a autenticidade, a transmissão oral, o arcaísmo e a proveniência do povo, a quem primordialmente se destina, em associação direta com a sua vida quotidiana (p.14).

Como podemos verificar, são várias as opiniões sobre os conceitos de música tradicional ou popular o que torna difícil a opção de uma terminologia. Na opinião dos autores, anteriormente referidos, ambos os conceitos convergem. Porém, ao longo deste trabalho, utilizarei o termo “música tradicional” para designar a canção resultante da cultura e tradição do povo português. Tomamos por base este conceito para simplificar a leitura e organização deste estudo.

3.3. Música Erudita e Música Tradicional: Vantagens e Desvantagens no Processo de Aprendizagem

3.3.1. Música Erudita

3.3.1.1. Vantagens

Cardoso (2011) evidencia que nos dias atuais comprovam-se, pelas pesquisas científicas, os benefícios que a música erudita proporciona. Ela pode atuar no corpo e mente, como auxiliares no tratamento de várias doenças e também ajudam a melhorar o nosso Quociente de Inteligência (QI). Este tipo de música é um meio de restaurar a harmonia do corpo, da alma, e da elevação da nossa consciência, podendo ser também um auxílio no combate à negatividade, ao *stress* e a desequilíbrios psicossomáticos (efeitos de fatores sociais, psicológicos e comportamentais sobre processos orgânicos do corpo e sobre o bem-estar das pessoas).

A música erudita pode também favorecer a um estado de paz, bem-estar e harmonia durante as nossas atividades diárias, eliminando padrões negativos de pensamento quando escutadas com frequência. Também o som de instrumentos musicais como o de pianos, violinos, sopros, etc..., instrumentos característicos deste tipo de música, trazem efeitos benéficos para harmonização da saúde física e emocional, de acordo com um estudo realizado pelo psiquiatra inglês, Robert Schauffer (s/d).

Um estudo de 2015 veio reforçar a importância da audição de música erudita na sala de aula. Sendo assim o estudo consistia, de acordo com o *site* de notícias TVI24 (2015),

detetar as possíveis mudanças de um género de música específico, a música erudita. Para tal, examinaram amostras de sangue de 48 pessoas, antes e depois de escutarem o concerto de Violino número 3, de Mozart e concluíram que este tipo de música aumenta não só a atividade dos genes envolvidos na secreção de dopamina (ligada aos mecanismos de recompensa do cérebro) e na neuro transmissão sináptica (sinapses são os pontos de contacto entre os neurónios), como também os genes associados à aprendizagem e à memória (s/p).

Boas Notícias (2015), outro site de notícias, refere que este estudo coordenado por Irma Jarvela *revela que este tipo de música pode ajudar a atrasar o aparecimento de demências e de doenças neuro degenerativas como o Parkinson (s/p)*. O estudo divulga ainda que o costume de ouvir música erudita desenvolve a atividade dos *genes responsáveis pela secreção e transporte da dopamina, hormona envolvida no controlo dos movimentos, na aprendizagem, no humor, nas emoções, na cognição, no sono e na memória*. Duarte (2015) diz ainda que um dos genes regulados, *o alfa-sinucleína (SNCA), contribui para o risco da doença de Alzheimer e está*

localizado na região de ligação mais forte da apetência musical. O gene SNCA é o mesmo que contribui para a aprendizagem de trechos musicais por pássaros cantores (s/p).

Boas Notícias (2015) mostra ainda que, segundo os investigadores, esta descoberta traz novas informações acerca do plano de fundo genético, molecular e evolucionário da perceção da música e poderá ajudar, no futuro, a compreender mais sobre os mecanismos moleculares que estão por detrás das vantagens relacionadas com a terapia musical.

Batista (2013) menciona que no nosso dia-a-dia, a maioria das pessoas utiliza mais o hemisfério esquerdo, considerado racional, não utilizando tanto o hemisfério direito, onde se processa por exemplo a imaginação criativa, a serenidade, facilidade de memorização, essencial para uma aprendizagem eficaz. O ideal seria trabalhar igualmente com os dois hemisférios, equilibrando o uso das suas potencialidades. O uso de música apropriada que diminua o ritmo cerebral, contribui para que haja equilíbrio no uso dos hemisférios cerebrais.

O mesmo autor ainda refere a música erudita com um bater padrão de 60-70 batimentos por minuto cria uma atmosfera de focagem que induz as pessoas numa profunda concentração, no estado alfa (relaxamento profundo) das ondas cerebrais. Apresenta a mesma frequência que um feto escuta e direciona-nos automaticamente para o lado direito do cérebro, fazendo com que as informações sejam gravadas na memória de longo prazo.

Segundo Chris Boyd (s/d) cit. in Batista (2013), *a música erudita estabiliza ritmos mentais, físicos e emocionais para atingir um estado de profunda concentração e focagem no qual grandes quantidades de informação podem ser processadas e aprendidas (s/p).*

Vítor (2008) afirma que estudantes ouvintes de música erudita, com um ritmo de 60-70 batidas por minuto, conseguem acrescentar a média de 12% de pontuação em exames de matemática, o equivalente ao que costuma ser atingido ao longo de um ano inteiro. A melodia e o tom da música na música erudita, como na “Fur Elise”, de Beethoven, ajudam os alunos a estudar e a reter mais informação.

Outro estudo, que concede importância à música erudita no processo de aprendizagem é o apresentado por Pais & Filhos (2014), onde Don Campel defende que ouvir Mozart desenvolve a inteligência e a criatividade das crianças, entre outros benefícios (“efeito Mozart”).

A teoria baseava-se nas investigações dos neurocientistas Rauscher, Shaw e Ky, em 1993, que concluíram que ouvir Mozart melhorava as capacidades de raciocínio espaciotemporal. Depressa surgiram compilações de música clássica para crianças dentro e fora da barriga, assim como programas de música dirigidos ao público infantil (s/p).

Rauscher (1993) cit. in Sousa (2013) resume assim que *o efeito Mozart refere-se ao aumento da performance em tarefas espaciotemporais nos 10-15 minutos seguintes à audição da Sonata K 448 de Mozart, quando comparada com as condições controlo de estar em silêncio ou ouvir música relaxante* (p.21).

A preferência pela utilização do repertório ocidental, por meio de obras eruditas, especialmente de origem europeia, e com parâmetros tonais, é enfatizada por autores da área, entre os quais, Bernardes (2000) cit. in Alves (2016) que refere que

uma das evidências desta ideia é o exame dos programas de repertório exigidos e divulgados nos manuais de candidatos dos cursos de música pelo país, além dos currículos e do quotidiano institucional, pois o repertório estudado também é, na grande maioria, estrangeiro, privilegia a produção musical dos séculos XVII a XIX e há preferência pelo tonalismo (p.9).

Também Barbosa (2009) cit. in Alves (2016) revela a sua experiência com o repertório, enquanto estudante de graduação, referindo que os alunos que obtinham sucesso nos estudos *possuíam em comum (...) um contacto razoável com a chamada 'música de concerto' – repertório que é trabalhado preferencialmente nas aulas - ouviam essa música fora das aulas e frequentavam salas de concerto* (p.9).

Elliott (1995) cit. in Alves (2016:9) indica, segundo Leonard Meyer, que as obras eruditas apresentam um *design* musical que consiste em padrões *de melodia, harmonia, ritmo, timbre, textura, pulsação, articulação e dinâmica, dividindo estas qualidades musicais em duas categorias, parâmetros sintáticos e parâmetros não sintáticos. Ao ouvir uma obra musical são perceptíveis os modos como os padrões musicais sintáticos (melódicos, harmónicos e rítmicos) e não sintáticos (tímbricos, de textura, de andamento, de articulação e de dinâmica) estão organizados, são interpretados e executados em relação às regras e estratégias da tradição musical de que fazem parte.*

Assim, se a música erudita traz tantos benefícios, concluímos que a inclusão da sua audição, no dia-a-dia, é algo valioso e imprescindível. Devemos, portanto, adquirir este hábito tão saudável a fim de obter uma vida melhor e mais saudável.

3.3.1.2. Desvantagens

Uma das maiores desvantagens de ouvir música erudita no processo de aprendizagem reside no facto que o estudo de Don Campel, em 1993, mais conhecido por “efeito Mozart”, anteriormente referido, foi desmentido, tal como refere a notícia do Diário de Notícias (DN) (2010) *afinal, ouvir música de Mozart não torna as pessoas mais inteligentes. A conclusão é de investigadores austríacos, que assim contrariam o resultado de um estudo publicado em 1993 na*

Nature, que celebrou a expressão "efeito Mozart" (s/p). A equipa da faculdade de psicologia de Viena, coordenada por Jakob Pietsching, analisou os resultados dos estudos que tentaram reproduzir o "efeito Mozart" desde 1993 e não encontrou nenhuma prova significativa da existência do fenómeno. Em 1993, investigadores da universidade da Califórnia mostraram, que um grupo de jovens, obtiveram melhores resultados em testes cognitivos depois de terem escutado a "Sonata em Ré maior", para dois pianos, de Mozart, do que outros que tinham escutado outro estilo musical ou estado simplesmente em silêncio. A equipa de Viena explica que todos (os que ouviram Mozart ou outra música qualquer) têm resultados idênticos, só os que ficaram em silêncio tiveram um desempenho inferior.

O próprio estudo apresentava, logo no início, uma lacuna, uma vez que somente nos 10/15 minutos seguintes à audição do excerto de um concerto de Mozart é que era possível verificar um aumento da performance de uma parte do cérebro, ou seja, ao fim de escassos minutos voltava tudo ao normal.

Ainda houve quem quisesse testar este estudo, mas com diferentes propósitos. De acordo com Rincon (2013), desde a publicação da pesquisa sobre o "efeito Mozart", dezenas de estudos foram conduzidos para comprovar se a música erudita realmente tinha influência sobre a inteligência, e Samuel Mehr, de Harvard, foi um dos investigadores que também pôs esta teoria à prova.

Nos experimentos de Mehr, os voluntários participaram em testes específicos para avaliar quatro domínios específicos da cognição, em detrimento ao QI utilizado por Campel. Estes quatro domínios eram, o vocabulário, a matemática e outros dois de percepção espacial. As crianças que foram postas ao teste apresentaram uma melhoria quase nula nas especialidades cognitivas testadas. Os testes ainda foram repetidos para uma amostragem mais alargada, mas os resultados acabaram por se revelar novamente ineficazes.

3.3.2. Música Tradicional

3.3.2.1. Vantagens

Leonido (2006) defende que é necessário agir no que concerne à preservação da música tradicional em Portugal, desta forma o autor refere que:

se este contexto é esquecido, jamais se poderia adoptar o método de Kodály, pois baseia-se entre outras coisas, no uso de património e tradição musical do seu país, de forma a facilitar a compreensão dos elementos fundamentais da música, fazendo com que desta forma se consiga educar musicalmente um povo, através de uma vivência própria, pertencente a uma cultura de que o próprio aprendiz musical é parte integrante (p.36).

O mesmo autor ainda diz que Zolta Kodály foi um pedagogo que, de uma forma fabulosa, conseguiu massificar o ensino de música e, educar todo o seu povo através das raízes musicais do seu país de origem, conseguindo que as gerações, que em poucas coisas cruzam informação e trocam saberes, passassem a fazê-lo.

Ainda sobre o método de Kodály, Cruz (s/d) cit. in Sousa (1999) refere que este professor dizia que deve-se *começar a ensinar música a uma criança nove meses antes dela nascer! A informação cultural é importantíssima e passa de geração em geração* (p.43). Ele transmitiu os princípios da sua filosofia de educação musical de um povo, cujo objetivo era também cimentar uma identidade nacional. Dedicou grande parte da sua vida a fazer recolha de canções tradicionais húngaras, classificá-las e sistematizá-las metodologicamente de modo a serem utilizadas nas aulas.

As crianças devem, sempre que possível, ter contacto com as suas raízes culturais nas mais diversas formas de o fazer. Para o Ministério de Educação (1998) cit. in Leonido (2006) as crianças *devem ter contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um repertório de canções do património regional e nacional são referências culturais que a escola deve proporcionar* (p.56). O aluno, sabendo o que se faz e o que está historicamente provado na sua região e no seu país, no que diz respeito à música, será uma pessoa capaz e interessada em saber o que se faz no mundo e possivelmente comparar as situações de ambos. Assim se faz ciência.

Segundo refere Monteiro (1997) cit. in Alves (2016), é necessário repensar o repertório, alargado em termos históricos e de tipos musicais, incluindo obras musicais de estilos e épocas bem mais diferenciadas, com diferentes *linguagens*, diferentes *músicas*, tanto ao nível da Europa Ocidental como de outros povos e culturas. O autor, nesta linha de ideias, salienta dois pontos essenciais de importância extrema:

a necessidade de inclusão de música portuguesa no repertório estudado; tal não acontecendo, estar-se-á a contribuir para o total esquecimento de um dos primeiros propósitos da educação tal como definida pela Lei de Bases do Sistema Educativo, a fidelidade e a consciência do património cultural português. E a carência de dar a conhecer as correntes musicais do século XX, em especial às correntes contemporâneas, pois será sempre a partir de uma vivência do presente (por transformação ou mesmo por contradição do próprio presente) que se realizarão as transformações inerentes a qualquer cultura; e serão, provavelmente, os atuais alunos das escolas de música os protagonistas destas transformações no âmbito musical (p.10).

De acordo com a United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization (UNESCO) (1989) cit. in Alves (2016), a cultura tradicional faz parte do património universal da humanidade, que é um poderoso meio de aproximação dos diferentes povos e grupos sociais e de afirmação da sua identidade cultural, realçando a sua importância social, económica, cultural e política, o seu papel na história de um povo e o seu lugar na cultura contemporânea.

Esta, enquanto expressão cultural, deve ser salvaguardada por e para o grupo (familiar, profissional, nacional, regional, religioso, étnico, etc.) do qual exprime a identidade. As populações devem ser sensibilizadas para a importância da cultura tradicional e popular enquanto elemento de identidade cultural. Para permitir uma tomada de consciência do valor da tradição e da necessidade de preservá-la, é essencial proceder a uma vasta divulgação dos elementos que constituem este património cultural. No entanto, quando se proceder à referida divulgação, é importante evitar qualquer deformação, no sentido de salvaguardar a sua integridade (p.11).

Nesta ordem de ideias, Reimer (1996) cit. in Alves (2016) refere ainda a necessidade e importância de familiarizar as gerações mais novas com os produtos musicais acarinhados e admirados pelas suas culturas,

os alunos de todas as idades merecem ser familiarizados com os bens das suas heranças culturais, cantando e tocando o que pode ser apropriadamente cantado e tocado, ouvindo o que pode ser apropriadamente ouvido, compondo e improvisando influenciados pelo que tocam e ouvem e aprendendo acerca dos contextos a partir dos quais este repertório musical brota (p.11).

Pedroso (2003) cit. in Alves (2016) menciona que o contacto com a música tradicional constitui o nosso património cultural e permite aos alunos não só conhecê-lo, mas também compreendê-lo, e, em última análise, apreender melhor os percursos efetuados pelo povo e história a que pertencem. Segundo a autora, este contacto com a música tradicional tanto exige o apoio de outras áreas do conhecimento musical, como permite, além disso, um conhecimento mais aprofundado e contextualizado de conceitos que, ensinados num plano meramente teórico, sem o suporte de situações musicais reais, tornam-se estéreis e, muitas vezes, mal compreendidos. *O objetivo básico de toda a atividade educativa é favorecer nos estudantes a elaboração pessoal do conhecimento e do significado a partir da sua experiência vital com a realidade, que reconstruam a cultura e não a adquiram simplesmente (p.11).*

Torres (1998) ainda defende que

a língua materna é o primeiro veículo para ensinar os comportamentos fundamentais dessa cultura. A criança aprende a comunicar, ouvindo e imitando. Língua materna e canções tradicionais estão intimamente ligadas. A acentuação natural, a melodia e o ritmo numa língua

estão implícitas nas suas canções, e com maior evidência na poesia popular, originando determinados padrões que caracterizam a sua originalidade musical (p.23).

A mesma autora salienta ainda, que as canções tradicionais deverão ser o melhor material para iniciar o ensino da linguagem musical, já que, além do seu contributo para a formação musical, permitem-nos aproveitar o seu valor estético e pedagógico para uma formação global do aluno.

Assim se o aluno (...) imita frases musicais com o texto, desenvolve a memória auditiva e aumenta o vocabulário da língua materna; (...) através dos textos das canções, experimenta várias emoções, proporcionando o desenvolvimento afectivo e o conhecimento do património português (regiões, localidades (...)); as canções permitem jogos de sala, individuais ou coletivos, assim como danças regionais, desenvolvendo a coordenação motora e o relacionamento social; finalmente, através das canções, de várias regiões, é-lhes facilitada a aquisição duma cultura geral, uma vez que a criança passa a identificar e valorizar o património musical português, podendo-o comparar com outros estilos da literatura musical (Torres, 1998:23).

Desde a década de 1870 que a música tradicional portuguesa tem sido objeto de investigação por vários interessados (musicólogos, antropólogos, entre outros), tal como por alguns investigadores estrangeiros (Castelo-Branco e Toscano, 1988). Segundo Behágue (2005) cit. in Alves (2016), a etnomusicologia

deixa de ser vista, em geral, segundo a natureza do seu objeto de estudo (música primitiva, não ocidental ou “extra-europeia”, tradicional, folclórica, popular, de tradição oral) e mais de acordo com os seus critérios teóricos e metodológicos: música como fator social, e etnomusicologia, mais do que o estudo da música na cultura e como cultura, e sim como um dos elementos primordiais geradores de cultura expressiva (p.23).

O mesmo autor afirma ainda que, desde 1968, os etnomusicólogos definiram a área de estudo da etnomusicologia como sendo

o estudo da música na cultura e como cultura, integrando a musicologia (entendida como o estudo formal dos fenómenos sonoros) e a etnologia, considerando, não só a composição musical como processo, mas também os usos e funções da música, os aspetos comportamentais da performance musical, a música e o comportamento social. Como comportamento simbólico, a estética e a inter-relação das artes, a sinestesia (...) e as modalidades intersensuais, e as relações música-história cultural, música-dinâmica cultural (p.23).

3.3.2.2. Desvantagens

Alves (2016) menciona que podemos afirmar que a música ou a melodia tradicionais apenas existem verdadeiramente quando interpretam-se ou cantam-se, vivendo da vontade e da sensibilidade do seu intérprete. Brailoiu (1984) cit. in Alves (2016) refere que a música tradicional

exige criatividade permanente. As culturas populares sempre foram fenómenos abertos e que se influenciaram reciprocamente nas suas relações, através da História.

Hoje em dia, mais concretamente, no chamado mundo ocidental, os sistemas de transmissão cultural modificaram-se bastante. A comunicação entre gerações é mais difícil. Na atualidade, toda a comunicação é recebida por outras vias entre as quais a escrita, a rádio, a televisão, os *cd's*, os *dvd's*, as *pen's* e, com maior foco nos dias de hoje, a internet, mais precisamente o *youtube*, tornando-se muito mais abrangente, em maior quantidade e ultrapassando, maioritariamente, as fronteiras do próprio país. Estas serão algumas e, das principais razões, que deram origem a que as formas estéticas sejam cada vez mais uniformes e a que a participação ativa e direta do povo na música, seja menor. Isto justifica o facto de, ultimamente, terem-se perdido tantas das particularidades da música tradicional e tenha-se por assim dizer, provocado um retrocesso do património popular.

Alves (2016) defende que

a canção tradicional está sujeita a alterações e adaptações de diferentes textos, o que por vezes torna difícil distinguir aquilo que é autêntico daquilo que foi adaptado ao longo dos tempos. Pelo facto de estas canções serem transmitidas oralmente, vão sofrendo alterações; daí a necessidade urgente de proceder à sua recolha (p.11).

3.4. Música Tradicional vs. Música Erudita

Waugh (2000) menciona que a música tradicional, tem, *geralmente, uma batida uniforme, um volume regular e constante, um arranjo relativamente simples de acordes e melodias e, o que é mais importante, letras que nos informam acerca do assunto que a música descreve.* Na música erudita,

por outro lado, o ritmo muda continuamente, assim como a tonalidade; um enorme conjunto de instrumentos ordenados é usado para criar modulações diversas, com o volume sempre a subir e a descer. Muitas vezes a música erudita não é acompanhada de palavras, de modo que é preciso escutar o vocabulário de que se serve (ritmo, instrumentação, etc.), e ver como estes produzem mudanças de ambiente e outros desenvolvimentos musicais (p.15).

Gomes (2012) indica que o conceito de música erudita não contempla a música tradicional. Porém, muitos foram os compositores que, ao longo dos tempos, inspiraram-se nas tradições musicais para constituírem as suas obras. Bastará que recorde Brahms, Haynd e Beethoven, nos países germânicos, Litz e Béla Bártok, na Hungria e Stravinsky, na Rússia. E, em Portugal, Luís de Freitas Branco e Fernando Lopes Graça, Ruy Coelho e Vianna da Motta. Conforme disse João de Freitas Branco, *uma história da música portuguesa, ainda que tendo com objecto a arte*

sapiente (erudita) de compositores e intérpretes, não pode ignorar o que é afinal, a mais portuguesa de quantas músicas, porque vive no seio do povo (s/p).

Foi durante a época do reinado de D. João V, que surgiram as “mazurcas” (dança tradicional de origem polaca) de Chopin; as “rapsódias húngaras” de Liszt e Brahms; e, as “danças andaluzes” de Manuel de Falla. Dvóřak, Stravinsky, Schumann, Mendelssohn, Grieg, Debussy, Glinka, Sibéluis e Villa-Lobos foram todos compositores que incluíram no seu repertório a música tradicional dos seus países.

Vianna da Motta recorreu à música tradicional e produziu peças para piano como “Rapsódias portuguesas”, “Canções portuguesas” e “Duas Romanzas”. Entre os seus discípulos contam-se João de Freitas, considerado um dos mais consagrados compositores portugueses de sempre, Luís de Freitas Branco que compôs Alentejo, Suites nº. 1 e 2 e Fernando Lopes Graça.

Moreira (2016) refere que historicamente, a música erudita esteve limitada a uma parte da população (a mais abastada) e sempre foi vista como o oposto da música tradicional, dos ritos folclóricos e populares. Já na questão do músico erudito e tradicional, o primeiro, geralmente segue um percurso académico, muitas vezes utilizando a música erudita e instrumentos característicos desta linha musical. Já os músicos tradicionais utilizam uma maior diversidade de instrumentos, géneros musicais e simbologias.

Perfeitamente deplorável é, para Gagnard (1974) cit. in Leonido (2006) a normal importação e imitação acrítica de métodos pedagógicos de diferentes proveniências estrangeiras, somente porque é um exemplo exterior à nossa realidade. Leonido (2006) evidencia que é com grande naturalidade que observa que é fora das escolas que florescem as práticas musicais, em função da tecnologia, onde proliferam inúmeros casos desde o experimentalismo ao minimalismo, desde o *hip hop* ao *rap*, desde o *rock* à música tradicional. Somente no seio escolar é que a música parece não se largar das escalas pentatónicas, dos aborrecidos solfejos clássicos, dos instrumentos disponíveis para a prática musical, assim como dos métodos usados de tão remotos e desajustados da realidade, que parecem nem serem sérios. Aliás, até são sérios de sobra, fazendo com que a escola seja somente o lugar onde tratam e aprendem os sons que não fazem parte da vida e da realidade dos alunos, pondo de parte, desta forma, todo o contexto cultural característico de cada país (tradição musical genuína e meio sociocultural), de cada região e porque não de um bairro.

Torres (1998) refere que vários pedagogos, entre os quais Justine Ward (1879-1975); Edgar Willems (1890-1978); Carl Off (1895-1982); Jos Wuytack (n. 1935); Pierre van Hauwe (n. 1920); Jacques-Dalcroze (1855-1950) e Zoltán Kodály (1882-1967) apoiavam os seus métodos, com maior ou menor incidência, em canções tradicionais, aproveitando ao máximo as potencialidades

da língua materna para uma prática musical quotidiana e, partindo daí, para o conhecimento da música erudita, quer como intérprete quer como ouvinte.

Após analisar as vantagens e desvantagens destes tipos de música e, ao coloca-las em confronto, deparo-me com uma questão entre estes dois: **“Qual dos dois géneros se torna mais oportuno explorar dentro de uma sala de aula?”** Para que esta questão fosse respondida, decidi implementar um estudo que aproximar-me-ia de uma resposta mais concreta.

4. Técnica de Recolha de Dados

Feita a pesquisa bibliográfica e respetiva análise, no sentido de reunir informações com vista ao aprofundamento da temática, permitindo uma sistematização dos assuntos, o que se concretizou na parte teórica deste trabalho, torna-se pertinente referir como é que o estudo foi desenvolvido.

Com o objetivo de identificar qual o tipo de música que é mais propícia a ser ouvida dentro de uma sala de aula, a técnica utilizada, ao longo deste estudo, foi a observação, *para obter informação, é preciso observar. A observação constitui a espinha dorsal dos trabalhos de pesquisa.* (Deshaies, 1992:295). Pois esta seria a melhor forma de analisar as reações dos alunos, enquanto estes ouviam, em diferentes momentos, os dois tipos de música, a erudita e a tradicional.

Segundo Rosado et al (2012),

a pesquisa científica dever ser concebida como um processo sistemático de recolha de dados e de análise da informação, com base num método específico, método científico, de modo a responder a questões específicas e a produzir e aumentar o conhecimento humano. Deste modo, teremos de reconhecer que muitos problemas, muitos aspetos da vida humana, da vida pessoal, profissional e social, não podem ser explicados pelas abordagens da pesquisa dita convencional ou tradicional (p.7).

Para Pardal e Lopes (2011) *não há ciência sem observação, nem estudo científico sem um observador* (p.71) e indicam que, os mais antigos estudos no âmbito das ciências sociais, e não só, foram feitos com recurso preponderante à técnica de observação, usualmente com o auxílio de meios primitivos. Hoje, com meios mais aperfeiçoados, existem, naturalmente, melhores condições de consolidação da observação como técnica de investigação. O observador tem à sua disposição uma diversidade de meios, desde os mais simples, como um caderno de notas aos mais complexos, como uma máquina de filmar.

De acordo com Sarmiento (2004) cit. in Mendes et al. (2012), *observar é algo mais que olhar, é captar significados diferentes através da visualização (...)* Esse processo de observação é um

instrumento afinado ao ambiente ecológico da ação, permitindo detetar informações que posteriormente são recolhidas, organizadas, compreendidas e relatadas (p.58).

Ainda Esteves (2008) cit. in Oliveira (2013) refere que a observação possibilita um conhecimento direto dos acontecimentos tal como eles ocorrem num determinado contexto, sem espaço para suposições, interpretações e/ou preconceitos. Silva e Pinto (1999) mencionam que a observação, *é o envolvimento que despe o investigador do seu conhecimento cultural próprio, enquanto veste o do grupo investigado; é o exercício que tenta ultrapassar o etnocentrismo cultural espontâneo com que cada ser humano define o seu estar na vida (p.149).*

Também Silvestre e Araújo (2012) defendem que esta técnica,

permite obter dados descritivos, adequados para caracterizar um processo e para identificar uma sequência de comportamentos. Recolher dados por observação pode ser feito através de técnicas mais ou menos estruturadas, envolvendo instrumentos na recolha e registo dos dados com diferentes graus de padronização. (...) Quanto ao modo de registo da observação, na maior parte das vezes, os registos têm forma escrita e são feitos em papel, no entanto torna-se cada vez mais frequente o uso de meios audiovisuais, com registo de imagens e de som (p.147).

Tal como preconiza Brito (2013), a observação desempenha um papel importante em qualquer método de investigação e apresenta as seguintes vantagens:

- *Apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem;*
- *Melhor compreensão do meio;*
- *Recolha de comportamentos e atitudes espontâneas;*
- *Colheita de informação que não é acessível;*
- *Autenticidade relativa aos acontecimentos (...) (p.8).*

Para Adler e Adler (1998), Dezin (1989) e Spradley (1980) cit. in Flick (2005) a observação deve passar pelas seguintes fases:

- *Escolha do enquadramento, isto é, onde e quando podem ser observados os processos e as pessoas que interessam;*
- *Definição do que em cada caso deve ficar registado na observação;*
- *Treino do observador, para padronizar os processos;*
- *Observações descritivas que fornecem uma visão geral inicial do campo;*
- *Observações dirigidas, que se vão concentrando nos aspectos relevantes para a investigação;*
- *Observações seletivas que visam intencionalmente captar apenas aspectos nucleares;*
- *O fecho da observação, após ter sido atingida a saturação teórica, isto é quando novas observações não acrescentam mais conhecimentos (p.139).*

A minha observação, em relação aos alunos, foi não participante, ou seja, não estive diretamente envolvida na situação a observar, nem interagi de modo intencional o objeto da observação. Os alunos não souberam que estavam a ser observados, pois eu, observadora, estava a analisar do exterior, tal como um espetador. Ao ser uma observação não participante é possível observar-se a situação realmente como ela ocorre, sem existir qualquer interferência e manipulação de resultados por parte do investigador, permitindo reações espontâneas alheias àquilo que pretende ser o propósito da investigação.

5. Descrição do Estudo

O estudo foi realizado ao longo de 10 sessões, entre o mês de novembro do ano de 2015 e o mês de março do ano de 2016, no âmbito de PES II, com os alunos do 1º CEB do 1º ano da Escola Básica Adães Bermudes, com idades compreendidas entre os 6 e 7 anos.

Enquanto os alunos realizavam as suas atividades diárias (desenhos, ficha de trabalho, exercícios, etc.), ouviram, durante cerca de 20 a 30 minutos, compilações de obras de vários autores/grupos:

- Três de música erudita: Bach, Mozart e Chopin (obras acedidas através da *internet*, cuja ligação encontra-se nas respetivas descrições);
- Três de música tradicional, mais especificamente, música tradicional madeirense: Maximiano de Sousa, mais conhecido por Max, Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha (obras acedidas através da *internet*, cuja ligação encontra-se nas respetivas descrições) e Encontros da Eira (obras acedidas através de *CD (anexo I)*), pois achei aliciante mostrar um pouco das minhas raízes aos alunos.

As reações perante a audição destes dois estilos musicais foram observadas e conseqüentemente registadas.

6. Apresentação de Resultados

Como referido anteriormente, foram realizadas de 10 sessões, em contexto de sala de aula, durante 5 meses com alunos do 1º ano de escolaridade. Com vista a responder à questão de investigação e respetivos objetivos, optei por descrever cada sessão, dando ênfase as diferentes atitudes (atenção/concentração, comportamento e desempenho da turma) dos alunos, à medida que estes escutavam os diferentes estilos musicais apresentados ao longo das sessões. Passo então à descrição das sessões de acordo com os registos conseguidos ao longo das observações:

1ª Sessão: Música Erudita – Bach (03/11/2015)

Dei início ao estudo e decidi começar com a música erudita. Durante o início da música os alunos mantiveram-se em silêncio. Ao longo que a música continuava a soar a agitação dos alunos era visível, uma vez que uma das características da música erudita é a mudança quer do ritmo quer da tonalidade, sendo que pouco tempo depois os alunos já encontravam-se concentrados e calmos. Devido à característica anteriormente referida, muitas vezes houve necessidade de baixar ou altear o volume da música. Uma das particularidades desta primeira sessão foi quando um aluno reconheceu a música que estava a ser reproduzida e começou a movimentar o corpo consoante o ritmo apresentado.

Em relação ao desempenho dos alunos, nas tarefas de sala de aula, pude observar que apesar da variação da intensidade da música, esta não interferiu na sua execução.

Em síntese,

Tabela 3 – Síntese da primeira sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA ERUDITA – BACH
OBRA UTILIZADA	– THE BEST OF BACH HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VWP9JKAESDG (1:06:02). NOTA: APESAR DE ESTA RAPSÓDIA SER DE APROXIMADAMENTE UMA HORA, APENAS FOI MOSTRADO CERCA DE 20 A 30 MINUTOS.
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– ATENTOS NOS PRIMEIROS MINUTOS DA OBRA.
COMPORTAMENTOS	– ACALMIA INICIAL (SILÊNCIO); – LIGEIRA AGITAÇÃO DOS ALUNOS PASSADOS 5 MIN; – MOVIMENTOS CORPORAIS CONFORME O RITMO.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– EXECUÇÃO DAS TAREFAS PARCIALMENTE CONSEGUIDAS.

Fonte: Própria

2ª Sessão: Música Erudita – Mozart (11/01/2016)

A música foi introduzida enquanto os alunos estavam a realizar exercícios de matemática. Logo que a música começou a tocar a maior parte da turma fez silêncio, excetuando alguns alunos, que começaram a imitar um violinista, pois era perceptível o som do violino na música de Mozart. Após algum tempo de música, a turma acabou por desconcentrar-se, uma vez que muitos alunos já tinham terminado a atividade anteriormente referida, favorecendo a conversa e a desconcentração. Foi pedido que fizessem um desenho livre e acabaram por voltar a estar concentrados e permanecessem em silêncio.

No fim da sessão e uma vez que estava prestes a dar o toque de saída, a turma começou a desconcentrar-se novamente e o silêncio acabou por dar lugar ao barulho.

Em síntese,

Tabela 4 – Síntese da segunda sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA ERUDITA – MOZART
OBRA UTILIZADA	– THE BEST OF MOZART HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RB0UMRCXXVA (1:56:01). NOTA: APESAR DE ESTA RAPSÓDIA SER DE APROXIMADAMENTE UMA HORA, APENAS FOI MOSTRADO CERCA DE 20 A 30 MINUTOS.
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– DESCONCENTRAÇÃO GERAL APÓS CONCLUSÃO DOS EXERCÍCIOS; – RETOMA DA ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO INICIAL.
COMPORTAMENTOS	– ACALMIA INICIAL (SILÊNCIO); – IMITAÇÃO DO VIOLONISTA; – DIÁLOGO CONSTANTE ENTRE PARES; – RUÍDO PERSISTENTE NO FINAL DA SESSÃO.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– EXECUÇÃO PLENA DOS EXERCÍCIOS / DESENHO.

Fonte: Própria

3ª Sessão: Música Erudita – Chopin (11/02/2016)

Esta sessão foi marcada por um início com muita distração e agitação, uma vez que tinham terminado a aula de matemática há muito pouco tempo. Após algum tempo de música e enquanto faziam um desenho, os alunos encontravam-se cada vez mais concentrados e conversavam cada vez menos. Pouco tempo depois era possível ouvir um burburinho, tendo sido necessária a intervenção da professora cooperante para que estes fizessem silêncio. Um aluno aproveitou esta situação para colocar uma questão o que acabou por resultar numa maior distração da turma. Momentos depois foi possível ouvir apenas a música, uma vez que os alunos estavam totalmente concentrados nos seus trabalhos.

Uma vez que as aulas estavam quase a acabar e não havia tempo para fazer outro desenho, aqueles que já tinham acabado a atividade, começaram a falar e acabavam por desconcentrar aqueles que ainda estavam em silêncio a acabar os desenhos, ou seja, pouco tempo depois ninguém conseguiu acabar os desenhos nem escutar a música, pois o barulho era demasiado.

Em síntese,

Tabela 5 – Síntese da terceira sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA ERUDITA – CHOPIN
OBRA UTILIZADA	– THE BEST OF CHOPIN HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WYGY721NZRC (1:54:56) NOTA: APESAR DE ESTA RAPSÓDIA SER DE APROXIMADAMENTE UMA HORA, APENAS FOI MOSTRADO CERCA DE 20 A 30 MINUTOS.
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– DESCONCENTRAÇÃO GERAL DA TURMA; – ALGUMA CONCENTRAÇÃO NO DECORRER DA SESSÃO.
COMPORTAMENTOS	– AGITAÇÃO DA TURMA – RUÍDO AO LONGO DE TODA SESSÃO; – DIÁLOGO CONSTANTE ENTRE PARES.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– IMPOSSIBILIDADE, POR PARTE DE ALGUNS ALUNOS, EM EXECUTAR AS TAREFAS PROGRAMADAS PARA A SESSÃO.

Fonte: Própria

4ª Sessão: Música Tradicional – Max (16/02/2016)

Foi durante esta sessão que introduzi a música tradicional, mais precisamente, a madeirense. Logo que a música começou a tocar todos os alunos começaram a dançar, reação completamente diferente daquela que foi visível durante a audição de música erudita, o que justifica a falta de concentração. Após a música ter ecoado durante algum tempo, a turma continuava levantada e a bater palmas consoante o ritmo da música.

No fim da sessão, apesar da música ter sido mais lenta, os alunos não deixaram de acompanhar a música com palmas e/ou a dançar.

Em síntese,

Tabela 6 – Síntese da quarta sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA TRADICIONAL – MAX
OBRAS UTILIZADAS	<ul style="list-style-type: none"> – BAILE DA CAMACHA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WYGY721NZRC (2:41) – BAILINHO DA MADEIRA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WVGG-4AFQZQ (2:44) – BATE O PÉ - HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WVGG-4AFQZQ (2:48) – MARIA TU TENS MANIA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XE2XMM2WHRG (2:42) – PORTO SANTO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GT19BA-BNDQ (3:30) – MULA DA COOPERATIVA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1UFGVVCPSE8 (3:00) – SE ÉS BOM MILITAR HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PDDGUD5LYPG (3:20)
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– CONCENTRAÇÃO NULA.
COMPORTAMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> – AGITAÇÃO; – MOVIMENTOS CORPORAIS CONFORME O RITMO DA MÚSICA.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– IMPOSSIBILIDADE DA CONCLUSÃO DAS TAREFAS DIÁRIAS.

Fonte: Própria

5ª Sessão: Música Tradicional – Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha (17/02/2016)

Apesar de ter sido dada continuação à música tradicional esta sessão decorreu de maneira diferente em relação à anterior. Quando a música começou a tocar alguns alunos começaram a dançar, mas sentados no lugar, enquanto os restantes permaneciam concentrados no trabalho proposto. Perto do toque de saída, e, como alguns alunos já tinham terminado a atividade, estes começaram a desconcentrar-se e a fazer barulho.

Em síntese,

Tabela 7 – Síntese da quinta sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA TRADICIONAL MADEIRENSE – FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DA CAMACHA
OBRAS UTILIZADAS	<ul style="list-style-type: none"> – BAILE DAS CAMACHEIRAS HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OE2I5TYPANE (3:47) – CANÇÃO DO BATE BATE HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YIXZZOJEFCQ (2:51) – MUITO CHOREI EU HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QYJOAYXVTDI (3:17) – JOGO DO ANEL HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JQQAWTYLF4 (3:22) – CHAMA RITA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V92QHW4GRH4 (3:15) – BAILE DOS CANHAS HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=N4KEQEE_LQW (3:09)
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> – CONCENTRAÇÃO INICIAL POR PARTE DE ALGUNS ALUNOS; – LIGEIRA DESCONCENTRAÇÃO NO FINAL DA SESSÃO.
COMPORTAMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> – MOVIMENTOS CORPORAIS, POR PARTE DE ALGUNS ALUNOS, CONFORME O RITMO DA MÚSICA; – RUÍDO NO FINAL DA SESSÃO.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	<ul style="list-style-type: none"> – EXECUÇÃO PLENA DAS TAREFAS.

Fonte: Própria

6ª Sessão: Música Tradicional – Encontros da Eira (18/02/2016)

Esta sessão começou simplesmente com a audição da música, ou seja, os alunos não estavam a realizar nenhuma atividade em simultâneo. A turma, em geral, começou a imitar um violinista visto que era perceptível o som de um violino na música.

Mais tarde, e uma vez que os alunos não estavam a concentrar-se na audição da música e estavam constantemente a conversar, a professora cooperante decidiu distribuir um desenho. Pouco tempo depois da distribuição, os alunos acabaram por concentrar-se. No fim da sessão os alunos começaram a dançar, pois a música que estava a ser reproduzida potenciava isso mesmo, a dançar.

Em síntese,

Tabela 8 – Síntese da sexta sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA TRADICIONAL – ENCONTROS DA EIRA
OBRAS UTILIZADAS	<ul style="list-style-type: none"> – MOURISCA DO PORTO DA CRUZ – ÁUDIO RETIRADO DO CD AQUINTRODIA – FAIXA 1 (4:27) – BORBOLETA BRANCA – ÁUDIO RETIRADO DO CD AQUINTRODIA – FAIXA 2 (3:37) – RELUZENTE PINGUINHA – ÁUDIO RETIRADO DO CD AQUINTRODIA – FAIXA 7 (3:37) – RAINHA DOS MARES – ÁUDIO RETIRADO DO CD MEIA VOLTA – FAIXA 3 (2:42) – AMORES, AMORES – ÁUDIO RETIRADO DO CD MEIA VOLTA – FAIXA 7 (3:57) – VIUVINHA – ÁUDIO RETIRADO DO CD MEIA VOLTA – FAIXA 10 (3:54)
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> – CONCENTRAÇÃO INICIAL; – ALGUMA DESCONCENTRAÇÃO NO DECORRER DA SESSÃO.
COMPORTAMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> – IMITAÇÃO DE UM VIOLINISTA; – MOVIMENTOS CORPORAIS CONFORME O RITMO DA MÚSICA; – DIÁLOGO ENTRE PARES.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	<ul style="list-style-type: none"> – SEM ATIVIDADES NO INÍCIO DA SESSÃO; – DISTRIBUIÇÃO DE UM DESENHO.

Fonte: Própria

7ª Sessão: Música Erudita – Bach (24/02/2016)

A partir desta sessão decidi mudar um pouco, ou seja, em vez de apresentar os três autores/grupos de música erudita e depois os três de música tradicional, decidi intercalá-los.

Uma vez que só tinha mais 4 sessões para concluir as observações, decidi reproduzir as obras dos autores/grupos que os alunos mais gostaram. Sendo assim, optei por selecionar Bach e Mozart, da música erudita, e, Max e Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, da música tradicional.

Logo que a música começou nesta sessão todos os alunos permaneceram em silêncio, porém alguns começaram a abanar a cabeça ao ritmo da música. Após algum tempo a turma acabou por concentrar-se na atividade a que foram propostos. Passados 20 minutos de música os alunos continuavam concentrados na realização do desenho. Já no final da sessão os alunos já estavam a fazer barulho e acabaram por desconcentrar-se.

Em síntese,

Tabela 9 – Síntese da sétima sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA ERUDITA – BACH
OBRAS UTILIZADAS	– THE BEST OF BACH HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VWP9JKAESDG (1:06:02) NOTA: APESAR DE ESTA RAPSÓDIA SER DE APROXIMADAMENTE UMA HORA, APENAS FOI MOSTRADO CERCA DE 20 A 30 MINUTOS.
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– CONCENTRAÇÃO GERAL DA TURMA; – DESCONCENTRAÇÃO NO FINAL DA SESSÃO.
COMPORTAMENTO	– ACALMIA INICIAL (SILÊNCIO); – MOVIMENTOS CORPORAIS POR PARTE DE ALGUNS ALUNOS; – RUÍDO NO FINAL DA SESSÃO.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– FOCADOS/EMPENHADOS NA EXECUÇÃO DAS TAREFAS PROPOSTAS; – EXECUÇÃO PLENA DAS TAREFAS.

Fonte: Própria

8ª Sessão: Música Tradicional – Max (25/02/2016)

O que aconteceu nesta sessão foi muito semelhante ao que aconteceu na 4ª sessão, quando foram reproduzidas as músicas do Max. Neste dia, logo que a música iniciou todos os alunos começaram a dançar. Após algum tempo toda a turma começou a bater as palmas conforme o ritmo da música. A particularidade desta sessão foi quando um aluno, que já tinha vivido na Ilha da Madeira, começou a dançar o bailinho, dança tradicional desta região, o que acabou por contagiar toda a turma, a acompanhá-la a dançar ou a bater as palmas.

Em síntese,

Tabela 10 – Síntese da oitava sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA TRADICIONAL – MAX
OBRAS UTILIZADAS	<ul style="list-style-type: none"> – BAILE DA CAMACHA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WYGY721NZRC (2:41) – BAILINHO DA MADEIRA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WVGG-4AFQZQ (2:44) – BATE O PÉ – HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WVGG-4AFQZQ (2:48) – MARIA TU TENS MANIA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XE2XMM2WHRG (2:42) – PORTO SANTO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GT19BA-BNDQ (3:30) – MULA DA COOPERATIVA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1UFGVVCPSE8 (3:00) – SE ÉS BOM MILITAR HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PDDGUD5LYPG (3:20)
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– CONCENTRAÇÃO NULA.
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> – AGITAÇÃO; – MOVIMENTOS CORPORAIS CONFORME O RITMO DA MÚSICA; – IMITAÇÃO DE ALGUNS COMPORTAMENTOS.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– SEM ATIVIDADES NO DECORRER DA SESSÃO.

Fonte: Própria

9ª Sessão: Música Erudita – Mozart (02/03/2016)

Logo que a música começou, todos os alunos estavam em silêncio e encontravam-se concentrados, havendo apenas um aluno que estava concentrado na música, fazendo-se de “maestro” e a dançar, sem fazer o desenho proposto. À semelhança das outras sessões sempre que chegava perto da hora de saída, a turma acabava por distrair-se e começava a fazer barulho.

Em síntese,

Tabela 11 – Síntese da nona sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA ERUDITA – MOZART
OBRAS UTILIZADAS	<p>– THE BEST OF MOZART HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RB0UMRCXXVA (1:56:01).</p> <p>NOTA: APESAR DE ESTA RAPSÓDIA SER DE APROXIMADAMENTE UMA HORA, APENAS FOI MOSTRADO CERCA DE 20 A 30 MINUTOS.</p>
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	– CONCENTRAÇÃO GERAL DOS ALUNOS.
COMPORTEAMENTO	<p>– ACALMIA INICIAL;</p> <p>– MOVIMENTOS CORPORAIS;</p> <p>– AGITAÇÃO NO FINAL DA SESSÃO.</p>
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	– EXECUÇÃO DAS TAREFAS.

Fonte: Própria

10ª Sessão: Música Tradicional – Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha (03/03/2016)

Nesta última sessão quando a música começou a tocar todos os alunos, à exceção de um, começaram a dançar, só algum tempo depois, quando a professora distribuiu uma folha para que a turma fizesse um desenho, alguns alunos acabaram por se sentar, mas mesmo assim, os restantes permaneciam em pé a dançar. Sendo que somente no fim da atividade é que todos os alunos já encontravam-se sentados e concentrados a fazer aquilo que tinha sido proposto.

Em síntese,

Tabela 12 – Síntese da décima sessão

ESTILO MUSICAL/AUTOR	MÚSICA TRADICIONAL – GRUPO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DA CAMACHA
OBRAS UTILIZADAS	<ul style="list-style-type: none"> – BAILE DAS CAMACHEIRAS HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OE2I5TYPANE (3:47) – CANÇÃO DO BATE BATE HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YIXZZOJEFCQ (2:51) – MUITO CHOREI EU HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QYJOAYXVTDI (3:17) – JOGO DO ANEL HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JQQAWTYLF4 (3:22) – CHAMA RITA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V92QHW4GRH4 (3:15) – BAILE DOS CANHAS HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=N4KEQEE_LQW (3:09)
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> – DESCONCENTRAÇÃO NO INÍCIO DA SESSÃO; – CONCENTRAÇÃO NO FINAL DA SESSÃO.
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> – RUÍDO NO INÍCIO DA SESSÃO; – AGITAÇÃO; – ACALMIA NO FINAL DA SESSÃO.
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS PROPOSTAS	<ul style="list-style-type: none"> – EXECUÇÃO DAS TAREFAS.

Fonte: Própria

7. Conclusões do Estudo

Neste ponto é essencial concretizar e assimilar toda a informação adquirida ao longo de todo este processo de observação. Como referi ao longo deste capítulo, propus-me a compreender/averiguar que género musical, erudito ou tradicional, seria o mais adequado a utilizar no processo de ensino-aprendizagem.

Foi importante, em primeiro lugar, compreender e analisar os princípios destes dois estilos musicais, as suas vantagens/desvantagens e contrapondo-os no que de benéfico e/ou nefasto traz para o processo de aprendizagem, partindo dos ideais de diferentes autores, como já apresentado em pontos anteriores deste estudo.

Antes de passar à análise de resultados propriamente dita, é importante salientar, que ao definir os dias para realizar as sessões, tive a necessidade de adapta-las ao horário da PES II, pois havia desacordo entre respeitar o plano de atividades do estágio com a concretização do estudo em questão. Desta forma, só houve possibilidade de realiza-las fora do horário estabelecido para o estágio, tendo sido só aplicado nos últimos 20 a 30 minutos do dia.

Quanto à análise dos resultados, ao longo das minhas observações, que como referi, foi uma observação não participante, isto para não existir qualquer interferência e/ou manipulação dos resultados, pude concluir, que a música erudita é aquela que propicia, quase na totalidade, um ambiente de maior concentração, atenção e silêncio dentro da sala de aula.

(...) a música erudita pode também favorecer a um estado de paz, bem-estar e harmonia durante as nossas atividades diárias, eliminando padrões negativos de pensamento quando escutadas com frequência (Cardoso, 2001:s/p).

Apesar do estudo mostrar que a música erudita é a mais benéfica para um ambiente de maior concentração, no meu ponto de vista, a música tradicional deveria ser a mais utilizada em ambiente de sala de aula. Pois, independentemente de proporcionar momentos de excitação/alvorço, foi o estilo onde as reações dos alunos foram mais entusiastas, incitando momentos de risos, bem-estar entre os alunos, criando um bom ambiente na sala de aula, em comparação à música erudita.

(...) as canções permitem jogos de sala, individuais ou coletivos, assim como danças regionais, desenvolvendo a coordenação motora e o relacionamento social; finalmente, através das canções, de várias regiões, é-lhes facilitada a aquisição duma cultura geral, uma vez que a criança passa a identificar e valorizar o património musical português, podendo-o comparar com outros estilos da literatura musical (Torres, 1998:23).

No meu ponto de vista, considero que este estilo musical deveria ser incluído dentro da sala de aula, não em momentos de aprendizagens como: execução de tarefas, avaliações, etc..., como foi possível observar ao longo das sessões, mas sim, em ocasiões pontuais, onde esta tivesse maior ênfase, proporcionando aos alunos, um conhecimento e aprendizagem da origem musical de uma determinada região ou do país.

Conclusão

Culmina assim, com a redação do presente relatório, o meu percurso académico. Foi uma experiência rica em aprendizagens, partilhas e momentos que irei recordar com alguma nostalgia, este primeiro contacto com a realidade educativa, que me foi proporcionada pela PES.

Esta foi iniciada com alguns receios, os medos habituais de quem inicia um novo desafio, mas com interajuda dos colegas, dos professores e, principalmente, o contacto e a interação com as crianças/alunos, fizeram com que superasse todos os obstáculos aliados aos “medos” iniciais, permitindo assim, vivenciar por completo todo este processo de ensino e aprendizagem, desde a planificação, à avaliação e à aplicação de conhecimentos/estratégias. Em suma, a realização da PES foi essencial para minha formação, tanto a nível pessoal, como futura educadora/professora.

A prática de ensino supervisionada representa o primeiro contacto com a realidade complexa em que se desenvolvem as atividades educativas. Pela primeira vez, o candidato a professor assume as responsabilidades de um profissional, numa situação pouco familiar e insegura. Neste importante período da formação pessoal e profissional de um professor (...) o candidato tem a oportunidade de aceder a um conjunto de saberes e experiências, facilitados pelo supervisor, a quem cabe o papel de selecionar meios e estratégias de ensino/aprendizagem (Santos, s/d, s/p).

Em relação a este relatório, comecei por fazer o enquadramento institucional, onde consta a caracterização do meio envolvente aos estabelecimentos onde foram realizadas as PES I e PES II, assim como, a caracterização socioeconómica e pedagógica do grupo de alunos em estudo. Seguidamente, foi apresentado o contexto legal da PES e como esta encontra-se estruturada neste curso de mestrado. Finalizando, com a descrição da experiência de ensino e aprendizagem, tanto a nível da educação pré-escolar, como no 1º CEB, explicitando os processos de observação, planificação, intervenção e avaliação da ação educativa nas diferentes áreas curriculares.

No que diz respeito ao estudo, a escolha do tema, “o meio agente modificador de conceitos apreendidos: música erudita vs. música tradicional” recaiu pela forte ligação que tenho, desde muito cedo, com a música, e, também, pelas minhas raízes, forte em tradições (musicais) e costumes.

As tradições são assim, simples, porque é na sua simplicidade que reside a magistral influencia que tem na humanidade (Gonçalves, 2016, para.5).

O enquadramento teórico requereu longo período de pesquisa dado que os documentos de apoio estavam dispersos e no que concerne a temática a desenvolver nem sempre disponíveis. Muita da documentação encontrada não se adequa ao tema aqui investigado pois vai mais ao encontro do que são as questões fisiológicas e neurológicas do processo auditivo, sendo que as

questões que se prendem com o uso da música em crianças apontam igualmente para idades que não as pretendidas e mais de acordo com os estudos de Rodrigues e Gordon. Apesar deste pequeno contratempo, considero que não foi de todo um obstáculo para a concretização deste estudo, pois obrigou-me a uma pesquisa e análise mais cuidada e concisa, alcançando assim, os resultados pretendidos.

Como forma de conclusão e tendo como suporte os resultados apurados, a utilização da música erudita é benéfica, pois é aquela que propicia, quase na totalidade, um ambiente de maior concentração, atenção e silêncio dentro da sala de aula. Contudo, a música tradicional deveria ser a mais utilizada em ambiente de sala de aula, pois, independentemente de proporcionar momentos de excitação/alvorço, é aquela à qual os alunos reagem de forma mais entusiasta, gerando momentos de risos e bem-estar na sala de aula.

Espero, desta forma ter alcançado os objetivos que me propus e que, futuramente, possa contribuir para o esclarecimento desta temática, em possíveis investigações, bem como o seu aprofundamento.

Referências Bibliográficas

- Allorto, R. (2007). *Breve Dicionário da Música*. Edições 70. Lisboa;
- Alves, C. (2013). *Valorização da Expressão e Educação Físico Motora pelos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico em S. João da Madeira*. Instituto Politécnico de Viseu. Viseu;
- Alves, S. (2016). *A Música Tradicional Portuguesa na Formação Musical: vantagens e desvantagens de um repertório esquecido*. Politécnico do Porto. Porto;
- Correia, M. (1984). *Música Popular Portuguesa – um ponto de partida (1.ª ed.)*. CENTELHA – MC/mundo da canção. Porto;
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Instituto Piaget. Lisboa;
- Faria, E. (2007). *O Estudo do Meio como Fonte de Aprendizagem para o Ensino da História. Conceções de Professores do 1º C.E.B.*. Universidade do Minho. Minho;
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor. Lisboa;
- Gaitas, S. (2013). *O ensino da leitura e da escrita no 1º ano de escolaridade: os resultados dos alunos em leitura*. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida;
- Ladeira, S. (2012). *A Perceção dos Educadores de Infância e dos Professores do 1º Ciclo sobre a Importância das Expressões Artísticas em Crianças Autistas no Contexto da Sociabilidade*. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa;
- Leonido, L. (2006). *A Música na Educação: Contexto e Enquadramento Legal Português*. Sector Editorial dos SDE. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real;
- Mata, S. (2012). *O Ensino da Matemática na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada;
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar. Lisboa;
- Pardal, L. e Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores. Porto;
- Paulo, C. (2011). *Estratégias de Gestão da Sala de Aula na disciplina de Economia do Ensino Secundário*. Universidade de Lisboa. Lisboa;
- Rodrigues, L. (2015). *A Música Tradicional Portuguesa na Disciplina de Classes de Conjunto/Coro – 1º e 2º Graus do Ensino Vocacional da Música*. Universidade Católica Portuguesa. Porto;

- Rosado, A. et al (2012). *Desporto e Atividade Física: Métodos e Técnicas de Investigação Qualitativa*. Universidade Técnica de Lisboa. MH Edições. Lisboa;
- Silva, A. e Pinto, J. (1999). *Metodologia das Ciências Sociais*. 10ª edição. Edições Afrontamento. Porto;
- Silva, S. (2015). *A Música Clássica em Portugal está em Crise? Reflexões a partir da análise de um inquérito na região de Aveiro*. Universidade de Aveiro. Aveiro;
- Silvestre, H. e Araújo, J. (2012). *Metodologia para a Investigação Social*. Escolar Editora. Lisboa;
- Sousa, A. (2013). *Música e Saúde: uma Arte ao serviço da Ciência Médica*. Universidade do Porto. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Porto.
- Sousa, C. (2016). *A importância da Expressão Plástica no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto;
- Sousa, M. (1999). *Metodologias do Ensino da Música para Crianças*. Edições Galivro. Gaia;
- Strecht, P. (2015). *Parentalidade positiva – pais otimista, filhos felizes*. 1ª Edição. Versos da Kapa. Lisboa;
- Tavares, J. e Alarcão, I. (1985). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Livraria Almedina. Coimbra;
- Tavares, J., et al (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto Editora. Porto;
- Torres, R. (1998). *As Canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música: Contribuição da metodologia de Zoltán Kodály*. Editorial Caminho. Alfragide;
- Waugh, A. (2000). *Música Clássica Outra forma de ouvir*. Editorial Estampa. Lisboa.

Legislação consultada

- DECRETO-LEI n.º43/2007 D.R. I Série. N.º 38 (2007-02-22), p. 1321;
- DESPACHO n.º. 4208/2010 D. R. II Série. N.º 47 (2010-03-09), p. 10593-10594;
- LEI n.º 46/86. D.R. I Série. N.º 237 (86-10-14), p. 3075;
- LEI n.º 5/97. D. R. I Série. N.º 34 (10-2-1997), p. 671-672.

Webgrafia

Baptista, S. (2013). *Sabia que a música ajuda a aprender?* Visto a 15 de maio de 2017, em <http://www.esmeraldazul.com/pt/blog/sabia-que-a-musica-ajuda-a-aprender/>;

Boas Notícias (2015). *Música Clássica pode atrasar doenças neurodegenerativas*. Visto a 14 de maio de 2017, em <http://boasnoticias.pt/musica-classica-pode-atrasar-doencas-neurodegenerativas/>;

Brito, R. (2013). *Observação em Contextos Educativos*. Visto a 2 de junho de 2017, em <https://pt.slideshare.net/ritabrito01/observacao-rita-brito>;

Cardoso, J. (2011). *Os Benefícios da música clássica em sala de aula*. Visto a 25 de maio de 2017, em <http://projetoessignificar.blogspot.pt/2011/10/os-beneficios-da-musica-classica-em.html>;

Catarina, A. (2013). *A Higiene da Criança*. Visto a 2 de abril de 2016, em <http://pt.slideshare.net/alagos/a-higiene-da-crianca>;

Cerveira, P. (2002). *O computador no Jardim de Infância*. Visto a 30 de março de 2016, em <https://sites.google.com/site/pcerveira30/home>;

Coutinho, J. (2007). *A importância da organização do espaço no Jardim de Infância*. Visto a 29 de março de 2016, em <http://jezabelcoutinho.blogs.sapo.pt/454.html>;

DN (2010). *“Efeito Mozart” na inteligência desmentido por novo estudo*. Visto a 24 de maio de 2017, em <http://www.dn.pt/ciencia/biosfera/interior/efeito-mozart-na-inteligencia-desmentido-por-novo-estudo-1567466.html>;

Duarte, M. (2015). *Música clássica beneficia funções cerebrais*. Visto a 12 de maio de 2017, em <https://www.empregosaude.pt/musica-classica-beneficia-funcoes-cerebrais-38589/#.WV4FwIjyvIW>;

Ferraz, S. (2009). *Música*. Visto a 14 de março de 2017, em <https://pt.slideshare.net/Sandraferraz/msica-1082564>;

Franco, J. (2009). *Jogos de tabuleiro ajudam a estimular o raciocínio das crianças*. Visto a 30 de março de 2016, em <http://johannaterapeutaocupacional.blogspot.pt/2009/04/jogos-de-tabuleiro-ajudam-estimular-o.html>;

Gomes, C. (2012). *Música Erudita e Música Tradicional*. Visto a 12 de janeiro de 2017, em <http://bloguedominho.blogs.sapo.pt/203439.html>;

Gomes, F. (2014). *A organização da sala de aula de atividades no jardim-de-infância*. Visto a 28 de março de 2016, em <http://obaudoeeducador.blogs.sapo.pt/26169.html>;

Gonçalves, S. (2016). *A IMPORTÂNCIA DAS TRADIÇÕES*. Visto a 14 de novembro de 2017, em <https://www.tribunaalentejo.pt/artigos/importancia-das-tradicoes>;

Jardim, N. (s/d). *Expressão Dramática*. Visto a 23 de abril de 2016, em <https://ticposgraduacao.wordpress.com/a-importancia-das-expressoos/material-de-apoio/>;

Jesus, D. (s/d). *Expressão Plástica*. Visto a 23 de abril de 2016, em <https://ticposgraduacao.wordpress.com/a-importancia-das-expressoos/expressao-musical-2>;

Lares, F. (2010). *O “Faz de conta” no Jardim de Infância*. Visto a 29 de março de 2016, em <http://educapre-marzovelos.blogspot.pt/2010/12/o-faz-de-conta-no-jardim-de-infancia.html>;

Mendes, R., Clemente, F., Rocha, R. e Damásio, A. (2012). *Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física*. Visto a 28 de maio de 2017, em <http://www.exedrajournal.com/docs/N6/04-Edu.pdf>;

Meyer, I. (2014). *Organização da Sala de Aula*. Visto a 2 de abril de 2016, em <http://baudeideiasdaivanise.blogspot.pt/2011/01/organizacao-da-sala-de-aula.html>;

Município da Guarda (2014). *Município da Guarda*. Visto a 26 de março de 2016, em <http://www.mun-guarda.pt/Portal/concelho.aspx>;

Moreira, H. (2016). *Qual a diferença de músico clássico e músico popular?* Vista a 21 de março de 2017, em <http://maestrohelio.com/qual-a-diferenca-de-musico-classico-e-popular/>;

Oliveira, M. (2013). *A observação...uma reflexão*. Visto a 31 de maio de 2017, em <http://gcoa-online.blogs.ua.sapo.pt/41348.html>;

Oliveira, Z. (2011). *A importância da matemática no jardim de Infância e o jogo*. Visto a 18 de abril de 2016, em <http://jardimdeinfanciaaires.blogspot.pt/2011/02/importancia-da-matematica-no-jardim-de.html>;

Ongaro, C. e Silva, C. (2014). *A importância da música na aprendizagem*. Visto a 21 de abril de 2016, em <http://www.meloteca.com/musicoterapia2014/a-importancia-da-musica-na-aprendizagem.pdf>;

Pais & Filhos (2014). *Unidos pela música*. Visto a 18 de maio de 2017, em <http://www.paisfilhos.pt/index.php/gravidez/gestacao/7233-unidos-pela-musica?showall=1>;

Paixão, F. (2008). *O Quadro Negro*. Visto a 6 de abril de 2016, em <http://secbahia.blogspot.pt/2008/10/o-quadro-negro.html>;

Rincon, M. (2013). *Aprender a tocar instrumentos musicais não torna ninguém mais inteligente*. Visto a 24 de maio de 2017, em <http://m.megacurioso.com.br/neurociencia/40330-aprender-a-tocar-instrumentos-musicais-nao-torna-ninguem-mais-inteligente.htm>;

Santana, A. (s/d). *A Música Erudita*. Visto a 20 de janeiro de 2017, em <http://www.infoescola.com/artes/musica-erudita/>;

Santos, C. (s/d). *Ação de Formação: Prática de Ensino Supervisionada*. Visto a 29 de dezembro de 2017, em <https://www.ipiaget.org/noticias/detalhes/73>;

Sequeira, M. (2011). *A importância da expressão musical na infância*. Visto a 9 de abril de 2016, em <http://www.naredeiremergir.blogspot.pt/2011/11/importancia-da-expressao-musical-na.html>;

Serrão, R. (s/d). *E. E. Físico-Motora*. Visto a 20 de abril de 2016, em <http://escolas.madeira-edu.pt/eb1pescondestavel/ACC/Educa%C3%A7%C3%A3oExpress%C3%A3oF%C3%ADsicoMotora/tabid/14296/Default.aspx>;

TVI24 (2015). *Sabe o que um concerto de violino de Mozart faz ao seu cérebro?* Visto a 16 de maio de 2017, em <http://www.tvi24.iol.pt/memorial/finlandia/genes-associados-a-aprendizagem-e-a-memoria-ativados-pela-musica-classica>;

Vitor, M. (2008). *Ouvir música durante o estudo pode aumentar rendimento escolar*. Visto a 12 de maio de 2017, em <http://forum.pplware.com/showthread.php?tid=16772&rndtime=14991751421458760008#.WVzGVIjyvIW>.

Anexos

Anexo I – *CD*'s utilizados para as sessões

Imagem do CD “*Encontros da Eira – Aquintrodia (Música Tradicional da Madeira)*”



Imagem do CD “*Encontros da Eira – Meia Volta (Música Tradicional da Madeira)*”

